



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**MAIARA INÊS VARIZE SILVESTRINI**

**OS FIOS QUE ME TECEM: Memorial Acadêmico de uma Professora  
em Formação**

São Carlos

2025

MAIARA INÊS VARIZE SILVESTRINI

**OS FIOS QUE ME TECEM: Um Memorial Acadêmico de uma Professora em  
Formação**

Trabalho de Conclusão do Curso (TCC)  
apresentado como exigência parcial para  
obtenção de título de Licenciada em  
Pedagogia, na Universidade Federal de São  
Carlos – UFSCar.

Profa. Dra. Rosa Maria Moraes Anunciato

São Carlos

2025

Dedico esse trabalho a todas as mães que passaram pela universidade e ao meu filho Francisco, que na trama da minha vida é o fio principal e a razão para que eu continue tecendo os meus sonhos.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço ao meu filho Francisco, que é a pessoa mais importante da minha vida, pelo amor, paciência e por me incentivar a sempre sonhar grande.

Agradeço à minha mãe Cimari pelo apoio materno e por ter me proporcionado uma infância maravilhosa.

Agradeço ao meu amado companheiro Raphael que esteve ao meu lado em todos os momentos, me dando suporte durante todo o processo de elaboração deste trabalho.

Agradeço à minha sogra Sirlei e à minha cunhada Rayssa por serem presentes na minha vida e por cuidarem do meu filho Francisco nos momentos que me ausentei para me dedicar à graduação, ao trabalho e a finalização desse trabalho.

Agradeço a todos os professores que passaram pela minha vida, pois são minha principal inspiração de luta e trabalho, em especial, a minha orientadora, Profa. Dra. Rosa Maria Moraes Anunciato que me acompanhou durante meses, dando todo auxílio e apoio necessário para elaboração desse memorial.

Agradeço aos meus amigos de infância e de graduação que tornam meus dias mais leves e alegres.

Agradeço a Universidade Federal de São Carlos e a todos os profissionais do curso de Pedagogia.

Por fim, dedico este trabalho à memória do meu pai, cujo legado de sabedoria, paciência, resiliência e amor incondicional continuará inspirando minha jornada acadêmica e vida.

## **RESUMO**

Este documento trata-se de um memorial acadêmico intitulado "OS FIOS QUE ME TECEM: Memorial Acadêmico de uma Professora em Formação" escrito por Maiara Inês Varize Silvestrini. Ele é apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), sob orientação da Profa. Dra. Rosa Maria Moraes Anunciato. O documento destaca temporalidades do que foi vivenciado, durante a vida e formação da autora (experiências), e da escrita (narrativa) onde se encontram em um memorial autobiográfico. Enfatiza-se a escrita das narrativas como uma importante ferramenta para reflexões de vida e para a formação docente.

**Palavras-chave:** Memorial acadêmico. Formação de Professores. Pedagogia.

## **ABSTRACT**

This document is an academic memorial entitled "OS FIOS QUE ME TEAM: Academic Memorial of a Teacher in Training" written by Maiara Inês Varize Silvestrini. It is presented as a Course Completion Work (TCC) to obtain the title of Degree in Pedagogy at the Federal University of São Carlos (UFSCar), under the guidance of Prof. Dr. Rosa Maria Moraes Annunciato. The document highlights temporalities of what was experienced during the author's life and training (experiences), and of writing (narrative) where they are found in an autobiographical memorial. Narrative writing is emphasized as an important tool for life reflections and a valuable tool for teacher training.

**Keywords:** Academic memorial. Teacher Training. Pedagogy.

## Biografia do Orvalho

A maior riqueza do homem é a sua incompletude.

Nesse ponto sou abastado.

Palavras que me aceitam como sou – eu não  
aceito.

Não aguento ser apenas um sujeito que abre  
portas, que puxa válvulas, que olha o relógio, que  
compra pão às 6 horas da tarde, que vai lá fora,  
que aponta lápis, que vê a uva etc. etc.

Perdoai.

Mas eu preciso ser Outros.

Eu penso em renovar o homem usando borboletas.

Manoel de Barros

## SUMÁRIO

|                                                                                 |           |
|---------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>1 INTRODUÇÃO.....</b>                                                        | <b>09</b> |
| <b>2 AS NARRATIVAS E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES.....</b> | <b>12</b> |
| <b>3 MEMÓRIAS DE INFÂNCIA.....</b>                                              | <b>18</b> |
| 3.1 PRIMEIROS ANOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....                                    | 20        |
| 3.2 ENSINO FUNDAMENTAL E MEDIO.....                                             | 26        |
| <b>4 ENSINO SUPERIOR.....</b>                                                   | <b>30</b> |
| <b>5 MINHA PRIMEIRA GRADUAÇÃO.....</b>                                          | <b>32</b> |
| 5.1 UM NOVO CAMINHO A TRILHAR: O CURSO DE PEDAGOGIA.....                        | 36        |
| 5.2 OLHARES: ESTÁGIOS NÃO OBRIGATÓRIOS DURANTE A GRADUAÇÃO.....                 | 40        |
| 5.3 PIBID: CONTRIBUIÇÕES PARA DOCÊNCIA.....                                     | 47        |
| <b>6 PERCEPÇÕES: A CRECHE USP.....</b>                                          | <b>53</b> |
| <b>7 OS FIOS QUE ME TECEM: PERSPECTIVAS FUTURAS.....</b>                        | <b>55</b> |
| <b>8 REFERENCIAS.....</b>                                                       | <b>57</b> |

## 1.INTRODUÇÃO

Por ser vivenciada sempre na relação com outras pessoas, podemos dizer que a memória nos torna sujeitos de uma experiência coletiva, porém, as lembranças dessas memórias podem ter diferentes significados ao sujeito que as vivencia.

Sobre a memória, Pérez, (2003) conclui que:

A rememoração articula a dimensão sensível da memória ao ato de lembrar, o que torna comunicável a experiência.

Na rememoração as lembranças estão sujeitas a atualizações, releituras e reelaborações, fruto de reflexões sobre o acontecimento lembrado (Pérez, 2003, p.5).

O documento, apresentado no formato de memorial acadêmico está dentro do componente curricular obrigatório para a obtenção do certificado do curso de Licenciatura em Pedagogia de acordo com a regulamentação do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), a regulamentação diz que:

Trata-se de um trabalho monográfico no qual o aluno deve demonstrar a capacidade de articular as diferentes formas de saberes, teóricos ou práticos, em um exercício de reflexão no qual demonstrará, por meio de escrita clara, com articulação de objetivos, desenvolvimento metodológico e argumentação adequada, capacidade de análise e de síntese. O TCC poderá ter caráter de pesquisa bibliográfica, documental ou de campo e memorial de formação (UFSCar, 2025).

Este trabalho, intitulado de: ‘OS FIOS QUE ME TECEM: Memorial Acadêmico de uma Professora em Formação’, tem como principal objetivo, analisar e refletir sobre minhas vivências na formação, dando ênfase ao meu percurso acadêmico.

Parto do ponto de que todo e qualquer exercício de me tornar professora e a subjetividade que compõe o ato de aprender a ensinar e ensinar a aprender, são processos contínuos que iniciaram desde muito cedo na minha vida e que continuam ao longo dela.

A escrita de um memorial autobiográfico, tem-se apresentado como instrumento de formação e pesquisa no âmbito educacional, e tem se destacado, na área de formação de professores entrando para esfera acadêmica com fins formativos.

Este memorial, síntese de reflexões desenvolvidas acerca de acontecimentos da minha vida pessoal e principalmente, durante a graduação, constitui-se na esfera da escrita autobiográfica, e foi produzido como objeto de trabalho acadêmico apresentando-se como Trabalho de Conclusão de curso de licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal de São Carlos.

A escrita se deu em vários momentos, começando pelo meu interesse ao tema durante a disciplina obrigatória: “Formação de Professores”<sup>1</sup> ofertada pelo curso de Pedagogia no ano de 2023. Durante a oferta da disciplina, fomos convidados a refletir sobre casos de ensino e relatos de práticas que nos aproximaram muito de situações vivenciadas por professores.

De acordo com Mizukami (2004), os casos de ensino constituem uma importante ferramenta para a formação docente, ao trazerem exemplos de situações e dilemas e de como os professores podem lidar com tais episódios.

Nessa mesma disciplina, realizei uma pesquisa em grupo e, por meio de questões norteadoras foi possível entrevistar uma professora com vinte e cinco anos de experiência em sala de aula.

Durante a entrevista, me chamou a atenção o conteúdo dos fatos narrados por ela, e durante a transcrição desses fatos, percebi que se tratava de uma narrativa.

O interesse pela narrativa aumentou quando descobri a possibilidade de realizar um memorial acadêmico como trabalho de conclusão de curso.

A fim de me aprofundar mais no assunto, cursei a disciplina optativa: “Narrativas Autobiográficas na Formação de Professores”<sup>2</sup> no ano de 2024. Nesse momento, a escrita do memorial já tinha sido iniciada, e a disciplina foi uma base imprescindível para que eu reunisse as ferramentas necessárias para o desenvolvimento e finalização da escrita. Nela, fui de encontro com autores que são citados ao decorrer desse trabalho.

Me aproximei ainda mais do tema, quando li memoriais escritos por outros autores. Por se tratar das experiências de um determinado sujeito, cada memorial é composto por um teor específico, tornando-se único.

Dessa maneira, os memoriais que visitei despertaram-me outras dimensões acerca das narrativas. Dois memoriais em específico foram importantes para meus estudos e reflexões, em questões relacionadas à formação docente.

Os memoriais da autora Marielle (De Oliveira, 2022) e da autora Marina Eduarda (Pereira, 2023) foram uma inspiração para que eu compreendesse um pouco mais, sobre a estrutura de um memorial e, questões pertinentes, relacionadas à Universidade, vivências de estágios, trajetória escolar etc.

---

<sup>1</sup> Código da disciplina 450197 – Nome da disciplina: Formação de Professores. Oferta 2º semestre de 2023. Departamento de Teorias e Práticas Pedagógicas/ Curso de Pedagogia. Professora responsável Dr<sup>a</sup> Rosa Maria Moraes Anunciato. Assistente Doutoranda Jolúcia Santos de Jesus.

<sup>2</sup> Código da disciplina: 1002232 - Nome da disciplina Narrativas Autobiográficas na Formação de Professores. Oferta: 1º semestre de 2024. Departamento de Teorias e Práticas Pedagógicas/ Curso de Pedagogia. Professora Responsável Dra. Rosa Maria Moraes Anunciato. Assistente Mestranda Gizeli Aparecida Fazanaro Casimiro.

Escrever sobre nossa própria história, sentimentos e reflexões exige expor-nos, mostrar-nos ao outro.

Narrar acontecimentos é abrir uma janela para o mundo ver um pouco das nossas convicções, erros e acertos, que, muitas vezes, vai de encontro a contradições sobre o que pensamos e o que fazemos.

Acredito que para isso é preciso coragem e a compreensão de que nunca estaremos prontos, finalizados.

Hoje eu reflito, escrevo, compartilho e ressignifico meu passado e presente, porém, no meu futuro sempre surgirão outras situações, sentimentos e práticas que serão repensadas e ressignificadas no que ainda está por vir. Que bom que é assim.

Optei por iniciar a escrita deste memorial, falando sobre as narrativas no contexto da formação de professores, na próxima sessão compartilho minha história de vida, passando pelo meu nascimento, educação infantil, ensino fundamental e médio, até a escolha do curso de pedagogia.

Trago reflexões acadêmicas sobre os estágios não obrigatórios durante a graduação e minha participação no PIBID, que foram experiências que marcaram minha trajetória em formação onde aprendi muito.

Na última sessão eu escrevo um pouco sobre meus desejos e perspectivas futuras.

## 2. AS NARRATIVAS E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES

"Não há experiência humana que não possa ser expressa na forma de uma narrativa" (Bauer; Jovchelovitch, 2002).

Se pesquisarmos a etimologia da palavra “narrativa”, veremos que ela vem do latim narrare. No dicionário a palavra narrativa aparece como um substantivo feminino e seu significado é: 1. relato minucioso de um facto, acontecimento ou sequência de eventos 2. Literatura texto em que se expõe um universo constituído por personagens e eventos reais ou imaginários situados no tempo e no espaço; conto; história 3. representação ou exposição de certo processo ou situação particular, feita de modo a refletir determinado conjunto de valores ou a adequar-se à consecução de um objetivo (Michaelis, 2025).

Em diversas explicações sobre os significados e sentidos amplos dessa palavra, as narrativas podem se utilizar de um conteúdo de progressão temporal das histórias, ainda que o tempo não seja o pressuposto central dessa prática. O tempo, pode não ter linearidade dentro das narrativas, o que traz para esse processo um caráter complexo. Elas podem ser não-ficcionais, como biografias, memórias, documentários ou ficcionais como um romance, um conto de fadas, lendas etc.

São muitas as formas possíveis para contarmos uma história, entre elas, a narração oral, sendo o método mais antigo que conhecemos para compartilhar as narrativas.

Além da oralidade, destaca-se a narrativa de forma escrita, que como o método oral, faz parte de um conjunto linguístico criado pelo ser humano, para que fosse possível comunicar-se entre si.

Outro formato de narrativas, se dá pelas imagens, que contam histórias através de fotos, histórias em quadrinhos, pinturas etc.

As narrativas, ao longo da história, tiveram o potencial de contar e recontar o modo pelo qual as pessoas compreendem e vivenciam o mundo à sua volta.

Dentro das narrativas escritas, temos o que denominamos de memorial, que segundo (Oliveira 2005, p.121): “[...] é um documento escrito relativo à lembrança, à vivência de alguém; memórias. Deve conter um breve relato sobre a história de vida pessoal, profissional e cultural do memorialista; por isso mesmo é escrito com o uso da primeira pessoa”.

No entanto, para memorial, temos múltiplas designações e usos, Passeggi (2008) aponta, neste contexto, a existência, entre outros, de memoriais descritivos, reflexivos, de formação e acadêmicos.

A autora denomina de memoriais autobiográficos os memoriais de formação, e os memoriais acadêmicos, que segundo ela, são o conjunto de memoriais escritos para responder uma demanda institucional.

Por “biográfico”, temos tudo aquilo que remete à biografia, isto é, “Relato não ficcional de uma série de eventos que constituem a vida (ou parte da vida) de uma pessoa, em geral notável por seus feitos ou obras” (Michaelis, 2025).

Dessa forma, (Passeggi, 2008) destaca que memorial autobiográfico:

[...] pode ser definido como um gênero acadêmico autobiográfico, por meio do qual o autor se (auto)avalia e tece reflexões críticas sobre seu percurso intelectual e profissional, em função de uma demanda institucional. O interesse de sua narrativa é clarificar experiências significativas para a sua formação e situar seus projetos atuais e futuros no processo de inserção acadêmica e ascensão profissional (Passeggi, 2008, p. 120).

Os memoriais autobiográficos vêm se destacando de forma potencial, cada vez mais, como uma importante ferramenta para pesquisa na área da educação, pois, acede às práticas sociais manifestadas nas fontes autobiográficas, as quais são, ao mesmo tempo, reveladoras do processo de constituição de uma cultura e da identidade docente.

A construção dessa identidade docente, não depende apenas de fatores externos. As crenças, normas, experiências e valores influenciam a identidade do professor.

O memorial, se mostra como uma oportunidade de balanço e retrospectiva dos percursos vividos, não somente profissionais, mas também pessoais, o que dá a chance de reflexão acerca do desenvolvimento pessoal, uma vez que, as reflexões vão além de sua formação.

Sobre o trabalho com narrativas na pesquisa e ensino, Cunha (1997) enfatiza:

Trabalhar com narrativas na **pesquisa** e/ou no **ensino** é partir para a desconstrução/construção das próprias experiências tanto do professor/pesquisador como dos sujeitos da pesquisa e/ou do ensino. Exige que a relação dialógica se instale criando uma cumplicidade de dupla descoberta. Ao mesmo tempo que se descobre no outro, os fenômenos revelam-se em nós (Cunha, 1997).

Em contato com a escrita do outro, entramos em uma cadeia dialógica que nos proporciona construções interpretativas sobre sua história, pois “[...] o processo dialógico é uma luta entre consciências, entre indivíduos, na qual a palavra do outro abre uma fissura na consciência do ouvinte, penetra nela, entra em interação com ela e deixa aí sua marca indelével” (Bezerra, 2006, p. 42).

Quando relatamos fatos vivenciados, temos a oportunidade de reconstruir nossa trajetória, dando a ela novos significados. E ao compartilhamos essas experiências estamos dando a chance de outros profissionais/estudantes também refletirem, sob um outro ponto de vista. Afinal, cada experiência é única.

É experiência aquilo que nos passa, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao passar-nos nos forma e nos transforma... esse é o saber da experiência: o que se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que vai lhe acontecendo ao longo da vida e no modo como vamos dando sentido ao acontecer do que nos acontece. No saber da experiência não se trata da verdade do que são as coisas, mas do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece... por isso ninguém pode aprender da experiência de outro a menos que essa experiência seja de algum modo revivida e tornada própria (Bondia, 2002).

A escrita do memorial, ocorre, à medida que o autor tem a oportunidade de refletir sobre suas próprias experiências por meio das narrativas, permitindo-se revisitar e rever suas opiniões, crenças e valores, que foram sendo constituídos ao longo da sua carreira de formação e/ou durante seu tempo de profissão.

Esse processo permite ao autor analisar a construção e formação de sua trajetória, entrelaçando sua vida profissional e pessoal, ressaltando assim, a relevância desse gênero para sua formação profissional.

Essas reflexões constituem uma área significativa de pesquisa compreendendo a maneira como esses narradores elaboram seus textos dentro das limitações impostas por esse gênero.

Para a escrita de um memorial de formação, ou memorial acadêmico, utilizamos muito a nossa memória e nossas recordações, pois elas são uma importante ferramenta que dão acesso às lembranças de nossas vivências e experiências, para Delory-Momberger (2008, p. 37):

[...] é a narrativa que faz de nós o próprio personagem de nossa vida; é ela, enfim, que dá uma história a nossa vida: não fazemos a narrativa de nossa vida porque temos uma história; temos uma história porque fazemos a narrativa de nossa vida (Momberger 2008, p. 37).

Essa ação, efeito ou processo de narrar nossas vivências e histórias, também é usado como recurso de formação para educadores, possibilitando a reflexão e investigação das práticas pedagógicas realizadas por eles, nesse sentido, Oliveira (2011) reflete que:

Assim, a narrativa potencializa um processo de reflexão pedagógica que permite aos seus autores compreender causas e consequências de suas ações ou de acontecimentos, circunstâncias etc. de um passado remoto ou recente e, se for o caso, criar novas

estratégias a partir de um processo de reflexão, ação e nova reflexão (Oliveira, 2011, p.2).

Sobre teorizar nossas experiências, Cunha (1997) ressalta que:

A narrativa provoca mudanças na forma como as pessoas compreendem a si próprias e aos outros. Tomando-se distância do momento de sua produção, é possível, ao "ouvir" a si mesmo ou ao "ler" seu escrito, que o produtor da narrativa seja capaz, inclusive, de ir teorizando a própria experiência. Este pode ser um processo profundamente emancipatório em que o sujeito aprende a produzir sua própria formação, autodeterminando a sua trajetória. É claro que esta possibilidade requer algumas condições. É preciso que o sujeito esteja disposto a analisar criticamente a si próprio, a separar olhares enviezadamente afetivos presentes na caminhada, a pôr em dúvida crenças e preconceitos, enfim, a des-construir seu processo histórico para melhor poder compreendê-lo (Cunha, 1997).

Dentre esses e outros motivos, a produção do memorial pode se tornar um desafio difícil de se enfrentar, pois provoca inúmeras questões e dúvidas.

Esses questionamentos fazem parte da escrita de um texto marcado pela subjetividade dos sujeitos. Quando reconhecemos nossas falhas, dúvidas, erros e narramos isso, possibilitamos a nós (autores) e aos outros (leitores) que superem e ressignifiquem determinados problemas e questões relacionadas a vida ou a profissão.

Sobre isso, Kenski (1996), pesquisadora da área de formação de professores, defende que ao nos engajarmos no processo de rememoração, temos a oportunidade de refletirmos e superarmos desafios, utilizando esse trabalho com a memória como uma alternativa de uso na profissão docente, que segundo a autora:

A análise e a discussão das marcas do passado podem levar a compreensão da repercussão, na vida profissional, de diferentes situações vividas: crises, mudanças, rupturas, sucessos e fracassos. Esse conhecimento possibilita ao professor tomar medidas no sentido de superar determinados problemas, reformular concepções pessoais sobre sua maneira de ensinar, seu relacionamento com a disciplina, as formas que utiliza para avaliar seus alunos etc. Além de resgatar a imagem pessoal do bom professor, construída a partir dos contatos efetuados durante toda a sua trajetória escolar (Kenski, 1996, p.106).

Sobre a atuação do professor e seu desenvolvimento profissional, de acordo com Tardif e Raymond (2000), a transição entre ser estudante e se converter em um professor implica num período de dúvidas e tensões conhecido como “choque da realidade”, “choque com a realidade”, “choque de transição” ou ainda “choque cultural”.

Ainda vale mencionar que a docência apresenta características relevantes para que o profissional consiga se desenvolver e disseminar o conhecimento, como: ampliar e diversificar o conhecimento, através de contextos atuais que busquem auxiliar os estudantes; adquirir

conhecimentos e habilidades necessárias ao ato de ser professor perante o nível educacional e as componentes curriculares; ter proatividade perante as atividades que estão ligadas ao estar fora de sala de aula e a cooperação entre os pares, assim estes aspectos tendem a moldar o profissional para ser um bom professor (Tancredi, 2009).

O processo de aprender a ensinar passa por diversas etapas onde, professores iniciantes vivenciam um período de tensões em contextos pouco conhecidos e de aprendizagens intensas. Sobre esse contexto, Reali, Tancredi e Mizukami (2014) afirmam:

[...] os contextos de atuação profissional não costumam dispor de recursos voltados para minimizar as dificuldades características dessa fase da carreira - ou mesmo de outras mais avançadas. Notamos em nosso país não haver a tradição de a escola acompanhar a inserção profissional de professores iniciantes nem de se constituir em um ambiente de desenvolvimento profissional direcionados para todos os professores e suas necessidades formativas (Reali; Tancredi; Mizukami, 2014).

Através disso, é possível, compreender que tornar-se professor é um exercício complexo e, formado por algumas lacunas. Assim, como destaca Tancredi (2009), evidenciando que uma das primeiras fontes de aprendizagem para se tornar professor, encontra-se nos professores deste indivíduo durante o ensino básico, logo esses influenciam a formação do docente a partir das observações desse futuro professor sobre o modo de agir, pensar e desenvolver o trabalho. Além disso, cursos de formação tendem a ser uma fonte de aprendizagem docente relevante, afinal são estes que fundamentam a prática e permitem novos aprendizados profissionais e éticos. Desta forma torna-se um docente passa por etapas, troca de experiências, observações e vivência, justificando este exercício como complexo e conciso, sendo um eterno aprender e ensinar para que o conhecimento profissional seja moldado na construção do aprendizado ao longo da vida (Tancredi, 2009).

Por esse motivo, enfatiza-se o uso das narrativas para a formação inicial e continuada de professores, como um movimento de se situar, em meio a dúvidas, pensamentos e questionamentos. Oliveira e Gama (2014) defendem, que os professores, necessitam envolver-se em diferentes tipos de reflexão, na investigação e na narrativa, ao longo de sua carreira, e ser apoiados para enfrentarem os desafios.

Sobre isso, as autoras concluem:

[...] o processo formativo advém de que a utilização de narrativas de formação pode potencializar o desenvolvimento profissional pelo movimento de escrita na medida em que esta exige (re)elaboração e (re)significação do pensamento pela própria estrutura do ato de escrever, que possibilita uma formulação mais acurada das ideias do que a comunicação oral e favorece a realização de articulações entre experiências

de história de vida, de formação e da prática educativa (Oliveira; Gama, 2014, P.207).

E tornar nossas reflexões visíveis pode auxiliar na construção da nossa identidade, nos tornando protagonistas. Sobre isso, Prado (2005) afirma:

entendemos que as narrativas são ferramentas poderosas para explorar o que se pensa, pois possibilitam a compreensão dos contextos e da relação de cada um com os outros. Permitem que os professores se coloquem como protagonistas de suas histórias e de tornar visíveis, por meio da exposição, do relato, da explicitação ideias do que se pensa ou sente (PRADO, 2005).

A escrita e pesquisa sobre as narrativas autobiográficas, colocam à nossa disposição um olhar mais amplo e humano sobre a prática docente, e nos mostra que até professores mais experientes estão sujeitos às dúvidas e erros.

Essas narrativas podem, inclusive, ajudar a desmistificar a ideia do professor-que-precisa-saber-tudo e dar visibilidade a uma atuação profissional que é extremamente complexa.

Oliveira (2011) destaca que somente a partir do ano de 1990 buscou-se novos enfoques e paradigmas para compreender a prática e os saberes pedagógicos e epistemológicos relativos ao conteúdo escolar a ser ensinado e aprendido.

A partir daí, os estudos sobre os saberes docentes ganharam impulso e começaram a aparecer na literatura. Por ser um estudo relativamente recente, ainda é possível encontrarmos muitas lacunas dessa temática nos trabalhos desenvolvidos e publicados.

Por fim, fica explícita a importância do memorial autobiográfico como forma de registro de vivências, memórias, experiências e reflexões, não somente para tornar público o que pensam e sentem os profissionais e futuros profissionais da área da educação, mas também para difundir todo conhecimento, questionamentos e reflexões produzidas em seu cotidiano para que as produções autobiográficas continuem ganhando visibilidade, pois auxiliam os processos reflexivos, dando oportunidades de crescimento, desenvolvimento, aprendizagens a partir das nossas próprias experiências e de outros autores diminuindo, um pouco, todas as lacunas dessa profissão.

.

### 3. MEMÓRIAS DE INFÂNCIA

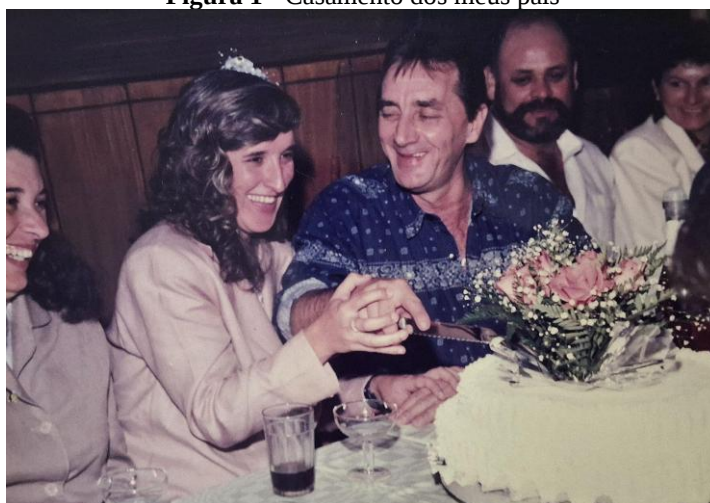
*“Deus disse: Vou ajeitar a você um dom: Vou pertencer você para uma árvore. E pertenceu-me. Escuto o perfume dos rios. Sei que a voz das águas tem sotaque azul. Sei botar cílio nos silêncios. Para encontrar o azul eu uso pássaros. Só não desejo cair em sensatez. Não quero a boa razão das coisas. Quero o feitiço das palavras.” (Manoel de Barros, 2013)*

O casamento dos meus pais, como em muitas outras composições familiares, precede meu nascimento. Dado este fato, acredito que seja pertinente incluí-lo na minha história. As duas famílias, tanto materna quanto paterna, são famílias descendentes de imigrantes italianos. Meus pais começaram a se relacionar no ano de 1991, porém, se conheceram muito antes disso. Meu avô e avó materna eram clientes fiéis do meu pai. Ele tinha um supermercado na cidade e era um sujeito muito conhecido. Quando minha mãe começou a frequentar o supermercado junto com meus avós, meu pai não era velho, mas pelas fotos daquela época, acredito que já sabia viver. Minha mãe conta, que desde muito nova, admirava a imagem do meu pai atrás do balcão do supermercado, atendendo de forma educada e carismática seus clientes. Porém, naquela época, não passava pela sua cabeça que um dia se casariam.

Mas se casaram. A vida fez com que o caminho dos dois se cruzasse anos depois. Meu pai no auge de seus 55 anos e minha mãe com 23. Totalizavam, ao todo, 32 anos de diferença na época, que passavam despercebidos devido à jovialidade que meu pai aparentava ter.

Eu fui muito esperada e celebrada. Meu pai dizia que com aquela idade já não tinha mais esperança de ter filhos. Ele me disse inúmeras vezes que eu fui o grande presente e amor da sua vida.

**Figura 1** - Casamento dos meus pais



**Fonte:** Arquivo Pessoal, 1993.

Nasci no dia 12 de janeiro do ano de 1994, exatamente às 15:00 horas da tarde na maternidade da cidade de Santa Cruz das Palmeiras. Assim, consta na minha certidão, pois minha mãe parece se recordar muito pouco dos detalhes desse dia. Talvez fosse a ansiedade, ou o medo de receber uma recém-nascida em seus braços sendo ainda tão jovem.

A cidade de Santa Cruz das Palmeiras, lugar que nasci e cresci, situa-se no interior do estado de São Paulo, a mais ou menos uma hora e meia da cidade de São Carlos, onde resido atualmente.

De acordo com suas características geográficas, a cidade de Santa Cruz das Palmeiras conta com uma população de 28 mil habitantes (Censo IBGE/2022), sendo que, uma parte significativa dessa população são trabalhadores rurais, a maioria vindos do Nordeste em busca de melhores condições de trabalho e de vida.

Esses trabalhadores, empregam-se no cultivo e colheita de cana, laranja, cebola, algodão e café nas usinas e fazendas do próprio município ou de seus arredores. Graças a essa população, a economia da cidade se desenvolveu ao longo dos anos, o que gerou muitos empregos e viabilizou o crescimento da cidade.

Hoje, consigo entender o quanto essa população foi e continua sendo segregada. Sobre essa questão, é importante enfatizar, que meu pai, “Seu Geraldo” - como era carinhosamente conhecido por sua clientela fiel - foi dono de um dos primeiros supermercados da cidade onde sua maior freguesia era composta por essas pessoas que vinham do Nordeste do Brasil.

Guardo comigo lembranças vívidas desse período de início da minha vida e infância. Porém, ao resgatar algum pensamento daquela época, não tenho absoluta certeza dos fatos, e ao descrevê-los, sigo o caminho das minhas próprias percepções, que são unicamente minhas e que talvez sejam tomadas por uma sensação de saudade idealizada, nostálgica. Quando levo meu pensamento para essa época, é possível ir de encontro com a lembrança do cheiro do perfume do meu pai, os cafés da tarde com bolo e a sensação da casa sempre cheia. Pensando sobre a escrita de uma narrativa autobiográfica, Cunha (1997, p. 185) ressalta que,

[...] quando uma pessoa relata os fatos vividos por ela mesma, percebe-se que reconstrói a trajetória percorrida dando-lhe novos significados. Assim, a narrativa não é a verdade literal dos fatos, mas, antes, é a representação que deles faz o sujeito e, dessa forma, pode ser transformadora da própria realidade (Cunha, 1997, p. 185).

Nesse aspecto, a narrativa tem o poder de transformar a maneira como percebo a mim mesma, minha história e aos outros. Ao contá-la consigo, inclusive, refletir e construir teorias sobre minhas próprias experiências.

Giroux e McLaren (1993, p.26) nos provocam ao pensar sobre a relação dialética existente entre a narrativa e os fatos vivenciados, pois é através da linguagem que damos sentido a algumas interpretações, sobre isso, os autores afirmam:

Apenas quando podemos nomear nossas experiências - dar voz a nosso próprio mundo e afirmar a nós mesmos como agentes sociais ativos, com vontade e um propósito - podemos começar a transformar o significado daquelas experiências, ao examinar criticamente os pressupostos sobre os quais elas estão construídas.

Pensar sobre essa época da minha vida, me traz um sentimento de afago ao coração e a certeza de que tive uma infância feliz e segura, sendo cuidada e amada pela minha família.

Desde muito pequena, andando pelos corredores, brincando de sentar no caixa do supermercado e atender clientes, me escondendo no meio de mercadorias, escutando tantas histórias contadas, por tantas pessoas diferentes, ora tristes ora felizes. Tantas nuances me cercavam, e muito da minha infância se deu nesse espaço e contexto, o que acredito ter influenciado para que me tornasse uma criança comunicativa, com a imaginação viva e muita facilidade de interagir.

Agora que você leitor já sabe que meu pai era um senhor comerciante, e pelo que me lembro, bem atarefado, pois lidava com contas, mercadoria e pessoas, preciso enfatizar que minha jovem mãe, também participava dessa rotina. O nome dela é Cimari, e desde sempre, o ajudou a lidar com toda a responsabilidade que um empreendimento familiar necessita.

Nesse caso, minha mãe, desde sempre, contou com a ajuda de uma babá, para que as minhas necessidades da primeira infância fossem supridas e, assim que completei um ano de idade, prontamente iniciei minha jornada na escola de educação infantil.

### **3.1 PRIMEIROS ANOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

*“ (...) A liberdade e a poesia a gente aprende com as crianças ” (Manoel de Barros, 2000).*

A primeira escola que frequentei e permaneci durante muitos anos é chamada de “Castelinho Objetivo”, uma das primeiras escolas particulares do município de Santa Cruz das Palmeiras e está localizada próxima ao centro da cidade.

**Figura 2** – Centro Cultura Castelinho Objetivo



**Fonte:** Google Mapa, 2024.

No ano de 1995, fui matriculada na educação infantil, na sala do maternal 1 com exatos um ano de idade.

**Figura 3** - Tomando mamadeira com a professora na escola, carnaval



**Fonte:** Arquivo pessoal, 1995.

Recordo-me pouco dessa época em que frequentei a Educação Infantil. Vasculhando o meu arquivo de fotos pessoais encontrei algumas imagens do meu primeiro Carnaval na escola, que coincidiu com a época da minha chegada. Dá para observar na foto, que eu era uma criança pequena e necessitava do auxílio da professora da sala para tomar mamadeira.

Pelas fotos, tive a impressão de estar um pouco desconfortável pois talvez não estivesse ambientada com aquele mundo novo. Observei a presença de muitas crianças maiores que corriam, todas juntas, jogando confete e serpentina, e eu aparentava não entender bem o meu

papel ali. Tampouco se era seguro, ou se pudesse confiar em alguém. Acredito que minha adaptação não deva ter sido fácil, afinal, sou filha única e até aquele momento, nunca tinha tido contato com outras crianças. Minha mãe me contou que demorou alguns meses para que eu me adaptasse à nova rotina, que fora marcada de muitos episódios de choro.

Consigo lembrar que na minha sala, mesmo sendo maternal 1, onde espera-se encontrar crianças de 1 até 2 anos de idade, as mesas e cadeiras faziam parte do mobiliário e rotina daquele lugar.

Hoje, observo que fui condicionada a uma educação tradicional desde muito cedo pois fui submetida a uma forte disciplina escolar de controle e obediência vinda de uma “tendência” educacional muito presente no ano de 1990, que permanece e se faz presente em muitas instituições até hoje.

Nesse contexto, o autor Moysés Kuhlmann destaca em seu artigo denominado: “Histórias da educação infantil brasileira” situações presenciadas por ele em creches e pré escolas brasileiras, onde:

Situações como as que já presenciei, na década de 1990, de crianças obrigadas a permanecer sentadas em torno das mesinhas de uma sala de pré-escola, em uma cidade do interior paulista, com suas cabeças deitadas sobre os braços, na *hora do descanso*; ou de crianças em um centro de educação infantil de uma capital nordestina, que comiam com os pratos em carteiras escolares para adultos, de braço, ou em pé, enquanto as mesas adequadas de suas salas não eram utilizadas para não sujar o espaço do *pedagógico*; ou de outra, em que a sala dos brinquedos permanecia trancada, servindo de depósito para móveis quebrados [...] (Kuhlmann, 2000, p. 9).

Essas situações evidenciam o despreparo de muitas creches e profissionais de pré-escolas ao lidarem com a primeira infância.

Nas minhas vivências, me recordo também, da preocupação da escola e das professoras em manter nosso uniforme sempre “limpo”, e a falta que tínhamos do contato com a natureza. Esses e outros detalhes me fazem refletir que o ambiente e a forma como vivi a educação infantil se distancia muito do que hoje acredito ser o ideal de uma infância escolar saudável e respeitosa. Ter feito pedagogia na UFSCar fez com que eu ampliasse meu olhar crítico relacionado a essa temática, situação que possibilitou muitas reflexões, tanto na minha própria história e vivência como uma criança pequena na educação infantil e, nos meus estágios não obrigatórios em escolas privadas da cidade de São Carlos durante a graduação.

A sala do maternal e seus mobiliários se fazem presente na minha memória, pois certo dia, fui marcada profundamente por um acontecimento inesperado. Estava eu, correndo e

brincando pela pequena *sala de aula* e acabei tropeçando no pé de uma enorme mesa. Rapidamente o tropeço me fez cair com a boca no chão, (fazia pouco tempo que tinha começado a andar). Esse tombo fez com que meu dente de leite quebrasse precocemente. Lembro de ver sangue pelo chão da sala e no meu uniforme. Entrei em pânico.

Nesse dia, quem foi me buscar na escola, foi meu avô materno, o “vô Lino” (meus pais estavam ocupados). Ele chegou meio como quem não soubesse lidar com aquela situação toda e apavorado, decidiu que seria boa ideia levar até a escola um sorvete. Chegando lá, diante de toda a situação, ele me deu o sorvete e cantou para mim a fim de que meu choro cessasse. E foi, realmente, uma ótima ideia. Não teria imaginado mais grata surpresa. Por um momento esqueci que o dente doía. Essa foi uma lembrança que mesmo triste, depois de alguns anos, se tornou feliz por me fazer lembrar do meu avô<sup>3</sup>.

Sobre esse fato vivenciado, percebi que é muito importante nomear minhas experiências e refletir sobre elas como tenho feito durante a construção desse memorial. Como referenciado anteriormente, os autores Giroux e McLaren (1993) chamam a nossa atenção para a linguagem, e ao fato de que através dela podemos agir, como um resultado das nossas interpretações.

Essa situação, em específico, me marcou durante meus primeiros anos na educação infantil. Ela me fez perceber que a sala, naquela época, tinha mobílias inadequadas para minha pequena idade, mas também, que meu avô não era tão sério assim, como se mostrava.

Além da sala com as mesas e cadeiras, tínhamos um parque de concreto com alguns brinquedos que eram grandes demais para minha idade. Lembro de uma piscina para as aulas de natação, que era frustrante, pois as aulas só aconteceram no Pré 2, uma cozinha com uma mesa grande onde todos nos sentávamos para lanche e uma professora muito carinhosa. Seu nome era Lourdes. Ela foi minha primeira professora da vida.

---

<sup>3</sup> Avô materno, seu nome é: Avelino Varize (in memória), referencio no texto, apesar de ter vivenciado uma situação triste e traumática, hoje em dia, ter uma lembrança descontraída com meu avô, pois durante minha infância ele se mostrava ser uma pessoa muito rígida.

**Figura 4** - Entrega de atividades na festa de final de ano, professora Lourdes



**Fonte:** Arquivo pessoal, 1996.

Depois que me adaptei à nova rotina, costumava me divertir bastante, o dia parecia ser cheio e bem atarefado, com muitas atividades, colagens, desenhos e recortes. A cada ano que passava, meu tempo sentada na carteira “produzindo” aumentava, e eu parecia estar familiarizada com a escola e seu método, porque as horas passavam rápido, e quando eu menos esperava, minha mãe estava lá para me buscar.

Além da professora da minha sala, eu tinha aulas extras, de dança/teatro, música e natação. Apesar de gostar de todos os meus professores, a pessoa mais importante para mim naquela escola, não eram eles, e nessa época nem meus amigos. A pessoa mais importante para mim era a Dona Júlia. A Dona Júlia tinha múltiplas funções naquele espaço. Ela ficava no portão de vez em quando recepcionando os alunos, às vezes limpava alguma sala, preparava lanche no refeitório e gostava bastante de ver a gente brincar. Em alguns momentos, até se deixava participar da brincadeira. Parecia que ela gostava desse universo infantil e entendia mais que os outros que estavam ali, como a infância “funcionava”. Nós tínhamos uma relação muito forte. Lembro da primeira vez que fui para a diretoria, e dos conselhos que ela me deu. Os puxões de orelha, os momentos de companhia enquanto esperava meus pais irem me buscar... seu riso doce e olhar sereno. Tenho muitas boas lembranças e saudades da Dona Júlia, que com certeza, ficará marcada para sempre na minha memória e coração.

Os anos seguintes, foram bem parecidos. Na minha escola, apesar de seus tradicionais métodos de ensino e de ficarmos muito tempo na carteira, tive a sorte de brincar. Pelo menos

um pouco. Acho que isso foi importante para mim. Eu morava em um sobrado sem quintal e passava muitas horas na escola. Então, o quintal da escola se tornou meu mundo. Lá fiz minhas primeiras amizades, descobertas, aprendi a brincar, a conviver e aquele espaço se tornou alimento para minha tão jovem imaginação.

Sem perceber, a alfabetização foi sendo introduzida na minha vida. Apesar de estudar em escola particular, meus pais não me cobravam para que eu comesse a ler cedo. Nós não tínhamos o hábito de ler em família. Depois que me tornei mãe, foi uma das primeiras coisas que fiz questão de introduzir na minha rotina. Na infância eu sonhava com o dia em que meus pais lessem para mim ou comigo antes de dormir. Mas nunca aconteceu.

Com cinco anos de idade, eu comecei a “brincar de dar aulas” quando ainda não sabia ler nem escrever. Eu gostava de colocar uns óculos para parecer minha professora, pegava meu caderno da escola e “fingia” que estava lendo para ensinar meus pais e meus bichos de pelúcia tudo que tinha aprendido na escola. De alguma forma, naquela época, o amor por ensinar já tinha criado raízes em mim. Porém mal sabia eu que depois de muitos anos, essa se tornaria minha profissão.

**Figura 5** - Brincando de ser professora



**Fonte:** Arquivo pessoal, 1999.

### 3.2 ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO

*“ No escrever o menino viu que era capaz de ser noviça, monge ou mendigo ao mesmo tempo. O menino aprendeu a usar as palavras. Viu que podia fazer peraltagens com as palavras. E começou a fazer peraltagens. Foi capaz de modificar a tarde botando uma chuva nela. O menino fazia prodígios. Até fez uma pedra dar flor” (Manoel de Barros, 1999).*

Comecei a ler e escrever minhas primeiras palavras no final do primeiro ano do ensino fundamental. Na minha rotina, estavam presentes os livros didáticos e o caderno de caligrafia. O método ensinado pela professora da época, foi o chamado método alfabético (ou soletração), que visa ensinar a criança a aprender as letras, ordem alfabética e a soletração. Hoje, quase finalizando o curso de Pedagogia e após ter cursado a matéria: “Alfabetização e Letramento: conteúdos e seus ensinamentos” ministrada pela Professora Doutora Maria Iolanda Monteiro<sup>4</sup>, tive um entendimento maior sobre a questão da alfabetização e seus métodos nos primeiros anos do ensino fundamental.

Até hoje, me pego folheando o livro: “Guia Prático do Alfabetizador” da autora Marlene de Carvalho, que consta na bibliografia da disciplina, onde ela introduz o leitor ao mundo da escrita e as propostas pedagógicas para ensinar a ler a partir do texto, da frase e palavra contextualizada. Sobre a alfabetização e letramento nos anos iniciais, a autora pontua que:

Métodos diferentes enfatizam habilidades e competências diferentes. O aluno caminha na direção apontada pelo professor, por isso, é importante que o alfabetizador escolha um método capaz de formar um bom leitor[...] (Carvalho, 2007, p. 42).

Ao contrário do que estava acostumada até o momento, a professora do ensino fundamental era um pouco mais rígida com as atividades e correções de tarefas. Muitas vezes eu fiquei de castigo porque me distraía muito fácil durante as aulas. Com o passar do tempo fui percebendo que não tinha como fugir daquele sistema escolar e do seu material, então fui testando formas de aprender a decorar as matérias. Aprendi que quanto mais rápido eu me concentrasse e acabasse as lições, mais tempo eu teria livre com meus amigos. A escolarização só passou a fazer sentido para mim a partir do momento que consegui ler e interpretar histórias. Foi incrível perceber o quanto as histórias podiam me levar a lugares maravilhosos, como os

---

<sup>4</sup> Código da disciplina: 450057 A Nome da disciplina: Alfabetização e Letramento: conteúdos e seu ensino. Oferta: 1º semestre de 2021. Departamento de Teorias e Práticas Pedagógicas/ Curso de Pedagogia. Professora responsável: Dra. Maria Iolanda Monteiro.

contos de fadas. Acredito que nesse momento, desabrochou em mim uma jovem leitora, que se aventurou e ainda se aventura nos mais diversos livros até os dias atuais.

Preciso evidenciar que para além da sala de aula, a escola me proporcionou muitos encontros, entre eles, os meus amigos de infância, que estão presentes na minha vida desde o ensino fundamental e permanecem até hoje. Nossa amizade já ultrapassa 20 anos. Cidade pequena é assim. Levamos os amigos da escola para toda a vida.

Estudei no Colégio Castelinho Objetivo até o final da quinta série. Na sexta série meus pais resolveram me colocar em outra escola porque eles tinham muita amizade com a dona, que também era a diretora e acreditavam que naquele momento, seria melhor para minha educação.

A escola, chamada Colégio Galileu COC, era nova, tinha acabado de ser construída e eu lembro de ter sido uma das primeiras alunas matriculadas.

Essa nova escola, também é particular. Lá permaneci até o último ano do ensino médio.

Mudar de escola foi um grande divisor de águas na minha vida. Eu lembro da sensação de quando me despedi dos meus amigos, da minha professora e do ambiente que cresci. A sensação era de que algo estava sendo tirado de mim. Sentimentos complexos para uma criança nova, mas que tenho agora, estou tendo a oportunidade de “revisitar”.

Apesar do medo e da tristeza que sentia pela mudança, fiquei curiosa com a ideia de estar em um ambiente novo. Não tive escolha, era preciso aceitar.

A escola nova cheirava a tinta fresca. Tinha corredores enormes e brancos. As paredes eram verdes, e as carteiras pareciam que tinham acabado de sair da fábrica.

Ela tinha dois andares e um subsolo. Salas enormes, quadra, piscina, e um parque muito tímido, que diferente da minha primeira escola, só tinha um brinquedo. Uma casinha de madeira, que às vezes, virava meu esconderijo quando não queria entrar para sala de aula ao toque do sinal.

Um grande baque nessa época foi descobrir que eu teria muitos professores e que só iria ao parque uma vez na semana. As matérias escolares seriam divididas, algumas mudariam de nome. Minha responsabilidade com os estudos aumentaria. Eu estava amadurecendo rápido.

Um fato que me animou muito, foi quando sete amigos da minha antiga escola, se mudaram para a escola nova. Era muito bom ter meus amigos de novo por perto. A convivência fortaleceu nossos laços de amizade e tudo voltou a ter sentido. Agora, apesar das tantas responsabilidades, se tornaria mais fácil permanecer e gostar do novo ambiente.

Tenho recordações de sempre ter tido muita dificuldade com as aulas de matemática. Nunca gostei. Meu pai bem que tentou me ajudar. Ele era excelente com as contas. Fazia todas

de cabeça. Se riscasse qualquer conta em um papel, sei que em menos de dois minutos ele resolveria, independente do seu grau de dificuldade. Eu, já não gostava de nada do que era exato. Me identificava mais com a literatura, ciências, filosofia e história. Matérias essas que tive muita facilidade em aprender.

Fui começar a gostar de matemática já na faculdade de Pedagogia, com o professor Klinger<sup>5</sup>. Foi com ele que consegui entender a importância da aprendizagem em relação a matemática, e, como ela pode ser ensinada de maneira prática e lúdica, estreitando suas teorias com situações práticas do dia a dia. Foi através dele que rompi uma barreira que eu tive durante anos com a matemática.

Nem tudo na vida são flores, e o final do ensino fundamental II, foi muito complicado. Eu tive muitas perdas na minha família. E sei que ter passado por muitos lutos, influenciou de forma negativa meu interesse pela escola.

Não tive suporte, meu pai era bem mais velho que minha mãe. Ele tinha idade para ser avô. Apesar de ser muito carinhoso e atencioso comigo, sentia que as vezes ele não conseguia dar conta de tudo. Nós esquecemos que também é a primeira vez de nossos pais vivendo, ou melhor, aprendendo a viver.

Minha mãe teve uma forte depressão. Essa doença foi se agravando com o passar dos anos. A minha vida foi ficando diferente depois disso.

É difícil escrever sobre essa época, porque sinto que não fui acolhida como deveria, que faltou um certo suporte e atenção psicológica. Eu era apenas uma criança.

Nem sempre, escrever sobre nossa própria história de vida é fácil, e acredito que alguns traumas façam com que fique mais difícil levar a escrita adiante, mesmo tentando evitar certos períodos, eles acabam voltando como um golpe no pensamento, fazendo com que pensemos sobre eles mesmo quando não queremos pensar, afinal, nessa história sou protagonista.

Confesso que foi sofrido entrar em contato com esses sentimentos novamente, porém, foi necessário que eu ressignificasse isso tudo para dar conta de continuar a escrita. Conta até 3, respira e prossegue (...) A vida não é feita só de capítulos bons.

As coisas foram acontecendo. Eu tentava me esquivar dos problemas em casa, mas eles me alcançavam de uma forma muito brutal e feroz.

---

<sup>5</sup> Klinger Teodoro Ciríaco é Professor Adjunto, em regime de Dedicação Exclusiva, da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) no Departamento de Teorias e Práticas Pedagógicas (DTPP) do Centro de Educação e Ciências Humanas (CECH) concursado na área de 'Educação Matemática nos anos iniciais'.

Eu não falava com meus amigos sobre isso. Nem com ninguém. Durante muitos anos, foi um lugar dos meus pensamentos que não quis visitar. E como proteção, acredito que meu próprio cérebro tenha me poupado. Eu só lembro de viver dias tristes e de às vezes, ao contrário de antigamente, não querer voltar para casa ao final do dia.

Eu já não tinha meus avós paternos nessa época. Também perdi meu avô materno, dois tios e infelizmente, meu pai. Uma morte atrás da outra. Foi muito difícil. Ainda é.

Quando meu pai morreu, eu estava iniciando o terceiro colegial, uma das fases mais importantes para alguém que sonha em passar no vestibular e ter sucesso na futura carreira profissional.

Foi o momento da minha vida em que senti a maior solidão. Parecia um limbo.

Fiz muitas escolhas sozinha. O vestibular, foi uma delas. Sempre foi meu sonho me tornar professora, mas acredito que durante um tempo me distanciei dessa vontade e pensamento e decidi seguir outros caminhos.

#### 4. ENSINO SUPERIOR

O sonho de cursar o ensino superior é para muitos estudantes e famílias brasileiras, o principal meio, para busca de oportunidades e condições para uma vida melhor, como também um meio para a ascensão social.

No Brasil, até os anos 90, o ensino superior era um privilégio de famílias ricas, que podiam sustentar seus filhos em outras cidades para estudar em universidades públicas ou privadas. Nesse sentido, um diploma era um investimento familiar caro para alcançar destaque social. De acordo com Gadotti (1981, p. 5):

As classes populares, no Brasil, sempre estiveram à margem do poder. Em consequência, as aspirações populares, em matéria de educação, não encontram ressonância: a educação é eminentemente elitista e antipopular (Gadotti, 1981, p. 5).

Foi na Constituição Federal de 1988, com a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases (Lei nº 9.394/96) e do Plano Nacional de Educação, que podemos afirmar que houve avanços na perspectiva de entender a educação como um direito social, consolidando assim um compromisso legal.

Hoje, temos algumas iniciativas de programas de incentivo, voltadas ao acesso para o ensino superior. Um exemplo de oportunidade de acesso foi o Sistema de Seleção Unificada (SISU), onde conta com diferentes modalidades de concorrência, sendo elas: ampla concorrência, onde engloba todos os estudantes, independentemente do local de estudo ou renda e lei de Cotas, onde as instituições federais devem reservar no mínimo 50% de suas vagas para estudantes que fizeram todo o ensino médio em escolas públicas. Dentro dessa reserva de cotas, existem, oportunidades exclusivas para pretos, pardos, indígenas e quilombolas; alunos de baixa renda e pessoas com deficiência.

Outras iniciativas de acesso ao ensino superior foram o Programa Universidade para Todos (PROUNI) e o Fundo de Financiamento Estudantil (FIES), que hoje, permitem que uma grande parcela de jovens brasileiros consiga ingressar no ensino superior.

Eu, como estudei em escola particular, prestei a prova do ENEM na modalidade de ampla concorrência. Depois da morte do meu pai, minha família passou por dificuldades, e mesmo que eu passasse no vestibular para ingressar em uma Universidade Federal, eu dependeria de programas como o Programa de Assistência Estudantil para que fosse possível me manter até o término da graduação.

Quando eu estava no ensino médio, não conhecia esses programas. Porém, felizmente, as duas universidades que ingressei, ofereciam esse suporte e recursos para os estudantes, o que foi possível para que eu conseguisse me manter em cidades longe da minha família e consequentemente, me graduar.

## 5. MINHA PRIMEIRA GRADUAÇÃO

*“Passei anos me procurando por lugares nenhuns. Até que não me achei – e fui salvo.” (Manoel de Barros, 1991)*

A escolha do curso de graduação quando eu estava no terceiro colegial, se deu por total influência e admiração por todos os professores de ciências que tive ao longo da minha trajetória escolar. A afetividade e a admiração, eram perceptíveis. Sinto que fui guardando um pouco de cada professor que me cativou. Hoje, sei que sou um pedacinho de todos eles, pois inspiram minha prática diariamente.

Sobre a construção das relações aluno-professor, Leite (2006) afirma que:

A sala de aula é um espaço onde professores e alunos convivem diariamente, onde o sujeito aprende e se envolve ativamente no processo de ensino-aprendizagem por meio das interações sociais que mantém com os outros e com os objetos do conhecimento. No entanto, o sucesso dessa construção vai depender basicamente da qualidade dessas relações (Leite, 2006).

No Ensino Médio, não foi diferente. Também tive a sorte de ter uma professora de biologia maravilhosa e inspiradora. Ela ensinava a matéria com música. Me recordo das músicas sobre as moléculas, sobre ecologia, partes do corpo humano, origem e evolução da vida. Eu amava todas as aulas, lembro que torcia muito para que chegasse logo às quartas-feiras para que eu pudesse aprender um pouquinho mais com ela.

Além disso, sempre fui apaixonada por animais. Domésticos ou não, sempre tive um fascínio por todas as formas de vida. Nessa época fazia muito sentido seguir por esse caminho. Talvez pela pouca idade, eu não pensasse muito no exercício dessa profissão, minha motivação era estudar e aprender mais sobre o assunto. Prestei o vestibular com a ideia de que chegando lá eu me decidiria qual caminho dentro da Biologia seguir, já que se trata de um curso muito amplo e cheio de possibilidades.

A ideia sempre foi passar em uma faculdade federal, pois além de saber da qualidade dos cursos das faculdades federais, minha mãe não teria como me manter em uma faculdade particular. Mesmo tendo vivido um período difícil e não ter conseguido me preparar tanto para o vestibular, felizmente, consegui passar na prova. Foi a realização de um sonho.

Meus pais não tiveram a oportunidade de terminar o ensino médio porque renunciaram seus estudos para trabalhar. Eu sabia que esse era um marco na minha família, nunca conquistado antes. Estava muito feliz, pois se abriria naquele momento, um novo mundo de oportunidades.

Passei através do Enem, na Faculdade Federal de Alfenas - UNIFAL para cursar ciências biológicas. Entrei no bacharelado, sem saber muito o que isso significava, no ano de 2013.

Sai de casa para ter a experiência de morar em uma república com quatro meninas, que posteriormente, nos tornaríamos grandes amigas.

Estar fora de casa e longe da minha mãe, me trouxe um certo alívio, pois sair da cidade e viver coisas novas, me ajudaria um pouco a não pensar no luto do meu pai e nos problemas que minha mãe estava enfrentando na época. Hoje sei que estar distante e não lidar com o luto, não foi a melhor escolha, porém naquela época parecia fazer sentido fugir daquela realidade.

Morar sozinha trouxe amadurecimento. E responsabilidades. Lidar com as tarefas de casa, dividir os espaços com pessoas diferentes de mim, respeitar o espaço do outro, pagar contas, tudo era muito novo.

Me dei conta também, que a faculdade era muito diferente da escola. Lá não tinha ninguém cobrando sobre o que eu fazia ou deixava de fazer. A responsabilidade com a frequência nas aulas, notas das provas era toda minha. É estranho não dar satisfação, porém, libertador.

Confesso que eu não era a melhor aluna da sala, porém, aprendi e aproveitei muito tudo que a faculdade me proporcionou. No primeiro ano, tudo era novidade. Eu conheci muita gente e comecei a perceber que estava saindo de uma bolha. Morar em cidade pequena a vida toda foi me podendo de descobrir até meus gostos pessoais.

Estar na faculdade, em contato com muitas pessoas, lugares, situações e experiências diferentes, foi ampliando meu olhar sobre a vida. Os professores, por sua vez, traziam questionamentos que antes eu nunca tinha me feito. Muitas vezes esses questionamentos acabavam me fazendo refletir sobre a minha vida pessoal. Foi bom mergulhar em mim e entender quem eu era. A partir do segundo ano, foi preciso me dedicar mais aos estudos, pois acabei ficando de DP em algumas matérias. Eu não gostava de química, e para minha infeliz surpresa, a faculdade de Ciências Biológicas é recheada de química.

Durante a graduação em Biologia realizei muitos trabalhos de campo. O trabalho de campo constitui parte de um experimento científico. É uma atividade realizada por pesquisadores na natureza ou no local onde o fenômeno estudado ocorre naturalmente. Foi uma das experiências que mais gostei durante a faculdade.

Foram quatro anos inteiros de curso muito bem vividos e aproveitados.

Vale ressaltar que eu recebi bolsa de assistência estudantil durante todos os anos que estive lá, tanto na parte de alimentação, quanto auxílio para a viagem dos trabalhos de campo, o que foi muito importante para minha permanência durante os anos de estudo e dedicação.

Nessa altura do curso, eu já entendia que por fazer um bacharelado em Ciências Biológicas, no futuro eu poderia atuar como bióloga em laboratórios, indústrias farmacêuticas, institutos de pesquisa etc. Porém, apesar de gostar do curso, ainda tinha um pouco de dúvida sobre qual caminho nessa área eu escolheria seguir.

Com o passar dos semestres, comecei a ter os estágios obrigatórios da grade do curso, a maioria deles, acontecia dentro dos laboratórios da própria faculdade. Nesse momento, as opções começaram a ficar mais claras, e eu percebi que trabalhar ou fazer pesquisa dentro de um laboratório não eram minha grande paixão, e então, comecei a questionar minha escolha de curso e profissão.

**Figura 6** - Laboratório de Zoologia, Unifal



**Fonte:** Arquivo pessoal, 2014.

Foi uma época conturbada, porque eu não queria simplesmente largar o curso. Eu já estava quase acabando, faltava pouco.

O tempo foi passando e felizmente tive outras oportunidades dentro da faculdade.

Em uma dessas oportunidades, consegui entrar para um projeto de educação ambiental, projeto esse que eu já tinha ouvido falar e que era do meu interesse, pois a área da Educação Ambiental me interessava muito.

Nesse projeto, alunos e professores explicavam um pouco sobre o que era a Educação Ambiental, incentivando adultos e crianças a terem uma vida onde a natureza fosse mais valorizada e respeitada. O projeto se dava nas praças, eventos e principalmente em escolas públicas de Alfenas, também, fazíamos o manejo de animais silvestres em feiras e museus com turmas de crianças de diferentes faixas etárias.

Foi exatamente nesse momento que aquele sonho antigo e a vontade de me tornar professora voltou a pulsar em mim. Tudo começou a fazer sentido, e eu percebi, pela primeira vez dentro do curso de Biologia, que eu estava fazendo algo que amava.

**Figura 7** - Projeto EducAmbiental, Unifal



**Fonte:** Arquivo pessoal, 2015.

Comecei a não me enxergar longe do ambiente escolar. Queria cada vez mais estar perto das crianças ensinando e aprendendo com elas.

A partir desse momento, eu tinha certeza do caminho que queria trilhar, concluindo a faculdade, ou eu faria as matérias da licenciatura e me tornaria professora de biologia, ou começaria uma nova faculdade cursando Pedagogia.

## 5.1. UM NOVO CAMINHO A TRILHAR: O CURSO DE PEDAGOGIA

*Precário, provisório, perecível;  
 Falível, transitório, transitivo;  
 Efêmero, fugaz e passageiro  
 Eis aqui um vivo, eis aqui um vivo!  
 Impuro, imperfeito, impermanente;  
 Incerto, incompleto, inconstante;  
 Instável, variável, defectivo  
 Eis aqui um vivo, eis aqui. (Lenine, Vivo)*

Quando saí da Universidade Federal de Alfenas, já tinha decidido que o meu próximo passo seria cursar Pedagogia.

Porém, tive que adiar um pouco meus planos. Com 23 anos acabei engravidando. Não foi uma gravidez planejada. Apesar de sempre ter sonhado em me tornar mãe, eu gostaria de ter realizado muitas coisas antes disso, e mesmo me sentindo madura, foi um baque inesperado e muito grande.

**Figura 8** - À espera de Francisco



**Fonte:** Arquivo pessoal, 2017.

Com o passar do tempo e o apoio da família, fiquei mais confiante e nos meses que se seguiram, aquela sensação de nó na garganta desapareceu.

Eu estava feliz e animada com a gravidez. Fiz planos, pensei em um nome com carinho e nesse momento, já não me sentia mais só. Eu estava gerando uma vida. Que se tornou o meu maior amor e hoje é a razão pela qual eu nunca desisti de nenhum sonho.

Foi possível, durante um certo período, que eu me dedicasse totalmente à maternidade.

Por dois anos, entre gravidez e o nascimento do Francisco, adiei meus planos de cursar a minha segunda graduação e me tornar professora.

Foi somente no final do ano de 2019 que decidi que era o momento de retomar minha jornada universitária e finalmente prestei a prova do ENEM.

Não tive muito tempo para me dedicar aos estudos já que a carga da maternidade ocupava bastante do meu tempo. Eu sabia, como da primeira vez que escolhi a faculdade, que eu só conseguiria ingressar no curso se a universidade fosse pública, pois pagar uma faculdade particular estava totalmente fora da minha realidade econômica e social.

Realizei o vestibular com muita força de vontade, acreditando, aos 25 anos, que aquele seria o momento de me dar uma nova chance e continuar buscando meu sonho.

Através da leitura de um artigo intitulado: “Vivências da maternidade durante a graduação: uma revisão sistemática” de (Vieira, Alena), a autora narra sobre problemas vivenciados por colegas estudantes da graduação em decorrência da maternidade e a conciliação com os estudos. Nesse período a autora vivenciou o nascimento do primeiro filho, estando ainda na graduação.

Nessa perspectiva, evidencio o acúmulo de tarefas e a pressão que as mulheres pós-modernas sofrem, durante a vida, e principalmente na graduação.

Me identifiquei muito e pude refletir sobre situações que vivenciei nos cinco anos de graduação.

Se já era complexa minha vida sendo mãe 24 horas por dia, eu me pegava pensando em como conciliaria a maternidade aos estudos, cuidados da casa e trabalho. Parecia que eu não daria conta, mesmo se movesse mundos para isso. Era difícil de acreditar que eu fosse conseguir. Porém desistir não era uma opção.

O momento da minha chegada à segunda graduação seria muito diferente de quando cursei a primeira. Sabia que seria desafiador e que eu teria que lutar muito, mas também, transformador na minha caminhada.

Fernandes (2005), destaca que a mulher pós-moderna tenta responsabilizar-se com todo o acúmulo que caracteriza as demandas do seu cotidiano, o que acaba resultando a exigência de uma flexibilidade nunca sequer imaginada.

O papel da mulher não é nada fácil. Sobre isso, Fernandes (2005) ressalta que:

[...] na busca de corresponder a amplitude dos ideais próprios de sua época, a mulher pós-moderna precisa ser não só a mulher ideal, mas precisa também ter o corpo ideal. Além de mãe dedicada, compreensiva e bem-humorada, a mulher deve conservar-se sempre jovem. Amante ardente e bem-disposta, apresenta uma tal diversidade de

interesses que consegue perseguir, com igual obstinação, os exercícios físicos necessários à manutenção do corpo ideal, assim como seus interesses culturais nos destinos da humanidade. A mulher pós-moderna deve ser realizada e bem-sucedida profissionalmente, além de bonita, bem-cuidada e economicamente independente (Fernandes, 2005, p. 04).

É importante romper com esse modelo e expectativas de mulher/mãe ideal, que são impostos pela cultura vigente.

Os estereótipos de mãe/mulher perfeita podem desencadear processos ansiosos, já que conseguir alcançar esse ideal ancorado na nossa sociedade se torna totalmente inviável para as mulheres e sua saúde, bem-estar etc.

Foi em janeiro de 2020, que descobri que havia passado no curso de Pedagogia na Universidade Federal de São Carlos. Senti muita alegria e orgulho em ter conseguido entrar em uma faculdade de excelência que é referência na área de educação, mesmo sabendo dos enormes desafios que teria pela frente.

Tive uma certeza muito grande de que iria para o lugar certo, e que meu futuro profissional estaria na cidade de São Carlos. Prontamente me mudei. E no mês de fevereiro do ano de 2020 iniciei as aulas na UFSCar.

Infelizmente, após duas semanas do começo do curso, deu-se início a pandemia de SARS COVID-19, e o que se esperava de um curso presencial, passamos então a um período de incertezas e falta de respostas. Essa súbita mudança de contexto, fez com que o curso parasse por muitos meses, voltando depois de certo tempo de forma online e emergencial. Mesmo com as aulas no modo virtual, acabei permanecendo na cidade, pois já tinha me estabelecido por aqui.

Confesso que foi um grande desafio permanecer na UFSCar no ano de 2020. Meu antigo relacionamento, que era tóxico e me fazia muito mal, finalmente acabou, porém, nesse momento eu estava sem dinheiro, sem as aulas da graduação, sem rede de apoio em uma cidade onde não conhecia ninguém, morando sozinha com um filho de apenas dois anos de idade totalmente dependente de mim e dos meus cuidados. Essa situação veio carregada por crises de ansiedade, muita vontade de desistir do curso e voltar para minha cidade.

Durante algumas semanas extremamente difíceis, carreguei todo o peso da responsabilidade nas costas, até que através de grupos de alunos da graduação, descobri que na UFSCar, como na primeira faculdade que cursei (Unifal), também existia um Programa de Assistência de Permanência Estudantil.

Sobre o programa:

A assistência e a permanência estudantil são áreas importantes para o processo de democratização do ensino superior, uma vez que visa garantir a equidade para que estudantes, em situações de vulnerabilidades, possam estudar e se formar de uma forma digna e saudável. O Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES) é a base legal que orienta as ações voltadas para a assistência e permanência estudantil e está estruturada nos seguintes eixos: moradia estudantil; alimentação; transporte; atenção à saúde; inclusão digital; cultura; esporte; creche; apoio pedagógico; e acesso, participação e aprendizagem de estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades e superdotação. A UFSCar, por meio de programas e projetos coordenados pela Pró-reitoria de Assuntos Comunitários e Estudantis, oferta bolsas e auxílios e é responsável pela gestão das seguintes modalidades: Bolsa Moradia Vaga, Bolsa Moradia em espécie, Bolsa Moradia mãe/pai, Bolsa Alimentação, Auxílio Alimentação Emergencial, Auxílio Transporte, Bolsa Auxílio Pré-Escolar (BAPE), Bolsa PIAPE, Bolsa PAEIQ, Bolsa PAPEL, Bolsa PACUPIA, Auxílio Inclusão e Acessibilidade, Auxílio para cuidados com a saúde, Auxílio para apresentação de trabalhos acadêmicos, Programa Bolsa Permanência (PBP) e Projeto Milton Santos de Acesso ao Ensino Superior (Promisaes) (UFSCar, 2025).

Mais do que depressa, fui atrás da assistente social do campus, para entender se eu me enquadrava em algum programa da assistência.

Passei por um processo de avaliação socioeconômica e me tornei apta para receber três bolsas estudantis que a UFSCar oferece à alunos de baixa renda, foram elas: Bolsa Moradia em espécie, Bolsa Auxílio Pré-Escolar (para mães) e Bolsa Alimentação.

Essas bolsas, fazem parte do Programa Bolsa Permanência (PBP), instituído pela Portaria MEC nº 389, de 9 de maio de 2013, e são ofertadas pela UFSCar.

Esses auxílios foram imprescindíveis na minha jornada acadêmica, pois só foi possível dar continuidade aos meus estudos graças a eles.

Além das bolsas, também consegui um auxílio da ProAce para a compra de um notebook, que foi utilizado durante toda a oferta do curso de forma online e emergencial na pandemia. O que viabilizou a escrita e entrega de trabalhos exigidos pelos professores nos dois primeiros semestres de aulas.

Não consigo imaginar minha formação sem essa ajuda.

Essas políticas são públicas e voltadas à concessão de auxílio financeiro a estudantes de graduação matriculados nas Instituições Federais de Ensino Superior (Ifes), em situação de vulnerabilidade socioeconômica, especialmente indígenas e quilombolas, visando contribuir para a permanência e a diplomação dos beneficiados e, desta feita, minimizar as desigualdades sociais e étnico-raciais.

Acredito que o programa de Assistência Estudantil na UFSCar ainda tenha muito a melhorar, principalmente para conseguir atender as demandas de outros estudantes que também necessitam desses auxílios para sua permanência na Universidade.

## 5.2 OLHARES: ESTÁGIOS NÃO OBRIGATÓRIOS DURANTE A GRADUAÇÃO

*Precisamos, em suma, não o mapa de um outro mundo, mas a cartografia do outro de todo mundo -aquilo que faz deste mundo um outro, liberando-nos-, como queria Kafka, " das cadeias da existência cotidiana." Podem irromper, a partir daí, resistências inéditas e vozes inauditas, aptas a dobrar-nos diferentemente" (Pelbart,2000b, p.62).*

O ano de 2020 passou, venci às aulas online no período emergencial, fiz e passei em todas as matérias da grade do semestre. Estava feliz com a faculdade, me identifiquei com as matérias que tive no semestre e os professores do curso sempre foram muito solícitos e compreensivos com o momento de pandemia que estávamos vivendo.

Consegui sobreviver à alguns meses com o auxílio de bolsas do programa de assistência estudantil. Não foi fácil pois sabemos que o valor recebido das bolsas mal dá para pagar o valor de um aluguel. Ao final do ano de 2020 percebi que se quisesse continuar me mantendo na cidade, teria que começar a trabalhar.

Comecei a mandar currículos para escolas particulares que precisavam de estagiárias na área da educação. Não demorou muito para que uma escola entrasse em contato comigo para que eu iniciasse o trabalho de estágio no começo do ano de 2021.

Fiquei muito feliz com a notícia de ter um emprego, porém, sabia que eu teria que me desdobrar ainda mais em relação ao meu tempo e afazeres, pois além da faculdade, estágios obrigatórios, cuidados com a casa e a maternidade essa seria uma responsabilidade a mais em uma rotina que já era muito cansativa.

O trabalho de estágio era para acompanhar uma sala de primeiro ano do ensino fundamental. A sala contava com dezoito crianças, onde duas se encontravam com quadro de transtorno do espectro autista (TEA). Eu ainda não tinha tido nenhuma matéria de Educação Especial na grade, o que se tornou um desafio. A escola, parecia não se preocupar muito com o bem-estar dessas crianças e em nenhum momento me forneceu material de apoio ou suporte para que eu pudesse entender qual a melhor forma de interagir e ajudá-las.

Nesse sentido, é muito importante destacar a importância das relações entre pares dentro das instituições de educação pois, a melhoria das práticas está associada à construção e à reelaboração de conhecimentos e, conseqüentemente, à profissionalidade docente, porquanto uma dimensão não se desenvolve sem a outra. A relação de troca entre pares se estabelece como troca intelectual positiva quando há esforço e investimento coletivos, por meio de exercícios intelectuais, para avançar na compreensão conceitual, metodológica e prática sobre determinado aspecto, ampliando a ação e o pensamento pedagógico.

Por esse motivo, o apoio, trocas de conhecimento e informações seriam tão importantes para meu progresso caso ele fosse feito diretamente com a coordenação da escola e outros profissionais.

Como essa situação não foi possível, eu tive que buscar informações por minha conta em sites da internet, procurei ajuda com professores e colegas, conversei com alunos da Educação Especial afim de realizar um trabalho que estivesse dentro do que é o ideal para essas crianças, levando sempre em consideração suas individualidades.

Depois de alguns meses, minhas intervenções começaram a dar certo e foi possível notar um grande avanço das crianças em pouco tempo. Comecei a me aproximar aos poucos desses alunos e sei que a afetividade me ajudou muito nisso.

Acredito que dentro do relacionamento aluno-professor, a afetividade acaba facilitando os processos de ensino-aprendizagem, pois um forte vínculo afetivo dá à criança segurança e conforto durante suas construções.

Para Arantes (2002, p. 162), “o papel da afetividade para Piaget é funcional na inteligência. Ela é fonte de energia de que a cognição se utiliza para seu funcionamento”, pois a afetividade é o que a cognição utiliza para funcionar.

Em razão disso podemos afirmar que o desenvolvimento afetivo se dá paralelamente ao cognitivo.

Passei o ano adaptando atividades para os alunos que necessitavam desse apoio. Muitas vezes saía da sala com eles no meio de uma crise ou outra testando formas e maneiras de acalmá-los a fim de retornarmos para sala, a pedido da direção.

Comecei a perceber que o tempo dentro da sala de aula era muito para eles. A permanência das crianças de forma prolongada da posição sentada num móvel, na maioria das vezes, inadequado às características físico-corporais das crianças, também era incômodo.

Dentro da rotina, cinco horas eram dedicadas à sala de aula, onde quinze minutos eram destinados ao lanche, que também se dava no contexto da sala porque ainda havia restrições de contato por conta da pandemia, o que inviabilizava, naquela época, o lanche ser feito no refeitório da escola.

Eu percebia que ali dentro, muita coisa poderia ser repensada, pelo próprio bem-estar dos alunos, professores e comunidade escolar em geral.

Me incomodava o fato de estar distante de uma realidade que eu acreditava ser a ideal. Entendi depois, que a escola particular (salvo as exceções) acaba funcionando como uma empresa, um comércio. Que inevitavelmente, visa o lucro. Infelizmente aquela ideia que eu

tinha de um espaço escolar, onde a preocupação principal seria o bem-estar e educação das crianças, onde os professores eram respeitados e valorizados, não existia. Minhas expectativas foram aos poucos se desmoronando.

Entendi, que ali, eu não conseguiria mudar muita coisa, na verdade, eu nem tinha espaço de fala para isso. Recebia ordens e as obedecia pois precisava muito do emprego. Eu era “só mais uma estagiária”. Então fiz o melhor que eu pude, dentro do que consegui.

Sobre o exercício de se tornar um professor iniciante, Tancredi (2009), enfatiza que:

Quando ingressa na escola, já como professor, o iniciante enfrenta uma realidade que não é mais a mesma que deixou poucos anos atrás. Ele é outro, os alunos são outros, os professores são outros, as propostas educacionais são outras, a escola é outra. Esse dinamismo da realidade nem sempre vai ao encontro das expectativas do iniciante. Além disso, ele passa a compreender que na prática, a teoria de que dispõe para ensinar não se aplica diretamente (Tancredi, 2009, p.16).

Quando o ano estava quase acabando, tinha me adaptado aquela rotina e sabia que de certo modo, dentro do que eu precisava fazer, estava fazendo a diferença. E me alegrava muito ter as crianças perto de mim. Porém, um dia, me chamaram para conversar na sala da direção e recebi a notícia de que não precisavam mais dos meus serviços. Meu contrato foi encerrado junto com o de muitos outros profissionais, inclusive ótimos professores que trabalhavam ali a muitos anos. Na hora tive um sentimento de impotência. E grande tristeza por perceber que mesmo tendo feito tudo “certo” nada seria o suficiente para me manter ali. As escolas particulares contratam e mandam embora profissionais, mesmo eles tendo construído uma carreira de anos lá dentro. Muitas vezes sem motivos ou causa aparente. E não temos segurança e nem controle disso. Foi preciso aceitar.

Pela primeira vez eu senti a dor da despedida. Foi minha primeira experiência em uma escola. Dizer tchau para as crianças foi muito triste.

Porém, não poderia ficar desempregada, até porque minha permanência em São Carlos dependia totalmente de um emprego.

Comecei a mandar currículos novamente para tentar outra vaga de estágio não obrigatório.

Eu não tinha tantas expectativas em relação a escola, sabia que aonde eu fosse, daria meu melhor, e era isso que me importava. Também, já tinha tido a minha primeira experiência em sala de aula, o que acabou me dando mais confiança para encarar um novo trabalho e o universo escolar.

A segunda escola que me contratou, também é particular, mas diferente da primeira,

meu trabalho seria com as crianças da educação infantil.

Eu só tinha tido experiência com crianças do ensino fundamental, então, mais uma vez, fui em busca de materiais, professores e livros que pudessem me dar a segurança de trabalhar, dessa vez, com crianças pequenas.

Felizmente, minha entrada nesse segundo trabalho, se deu, durante meu estágio obrigatório de Prática de Ensino e Estágio Docente na Educação Infantil.

Eu tinha acabado de iniciar esse estágio obrigatório na antiga UAC (Unidade de Atendimento a Criança) que hoje se tornou o CAU (Colégio de Aplicação da UFSCar).

Sorte a minha, porque acredito ter tido a melhor experiência com estágio em educação infantil da minha vida. Foi uma linda base de vivências que pude levar para o meu novo trabalho e para minha vida como professora. Me senti acolhida, abraçada e pertencente aquele mundo. Pela primeira vez, durante minha trajetória na universidade, vi a teoria se aproximar da prática, o que me deu muita esperança sobre um futuro trabalho onde as crianças são tratadas como crianças, com todos os seus direitos garantidos e respeitados. Vi a delicadeza com que as situações se desenrolavam. Pude vivenciar o respeito, o brincar, o experimentar, de uma linda forma. Aprendi muito lá. Em meio a natureza e tudo que ela oferece. Sou muito grata ao CAU e a professora da sala, Mara, que me acolheram e me ensinaram com muito carinho, pois além de ter feito parte da minha formação acadêmica, meu filho teve a chance de vivenciar um pouco da riqueza desse lugar.

Ele foi uma criança que teve vivências, dos seus 5 aos 6 anos de idade, no CAU.

**Figura 9** - Francisco brincando no parque do CAU



**Fonte:** Arquivo pessoal, 2022.

Um agradecimento também, à professora Natália do Grupo 5, que dedicou seus cuidados e se tornou uma professora inesquecível na vida do Francisco. Ele se recorda desse espaço com muito carinho e pede, às vezes, para visitar.

Bom, voltando ao assunto, minha segunda experiência com estágio não obrigatório em uma escola particular, foi com crianças da Educação Infantil. Era uma sala com crianças de apenas dois anos de idade.

O primeiro grande baque quando cheguei a essa escola, foi descobrir que crianças tão pequenas tinham “apostilas”. Essas apostilas, todas iguais, vinham com um modelo de página “pronto” onde, era interessante que a criança de apenas dois anos de idade “pintasse dentro”. Esse primeiro momento, me causou uma confusão de sentimentos e pensamentos. E eu só conseguia me perguntar, por que crianças tão pequenas precisam de apostilas prontas? Ao propor trazer as crianças para essa escola, que trabalha o disciplinamento dos corpos, da palavra, com apostilas, currículos unificados, o que pretendemos com isso? E o que nós, professores, estamos fazendo nesse sentido? Eram muitos questionamentos. Muitas vezes, todos esses questionamentos vinham na contramão das experiências que eu estava vivendo no meu outro estágio, que era obrigatório na creche do CAU. Foi uma confusão de sentimentos sem fim.

Quero deixar registrado, que respeito as diferentes formas e métodos de ensino, mas tem coisas, que estão ultrapassadas. É preciso repensar esse modelo de escola para crianças pequenas.

Ao pensarmos sobre infância e participação, Agostinho (2008) ressalta que a indispensabilidade da participação infantil é uma questão social, política e científica que contribui para a construção, implementação e efetivação de práticas e políticas participativas que defendam a cidadania ativa da infância.

Sobre isso, Borba (2006, p. 4) também fomenta esta discussão ao argumentar que:

As crianças se encontram em um mundo estruturado por relações materiais, sociais, emocionais e cognitivas que organizam suas vidas cotidianas e suas relações com o mundo. É nesse contexto que elas vão constituindo suas identidades como crianças e como membros de um grupo social. Não devem, todavia, ser vistas como sujeitos passivos que apenas incorporam a cultura adulta que lhes é imposta, mas como sujeitos que, interagindo com esse mundo, criam formas próprias de compreensão e de ação sobre a realidade. Isso porque esse contexto não apenas constrange suas ações, mas também lhes traz novas possibilidades (Borba, 2006, p. 4).

Passando os dias nesse novo emprego, comecei a identificar que muito do que eu estava vivendo lá, eu tinha vivido na minha primeira infância, porque minha primeira escola, que também é particular, era muito parecida. Na estética, nos materiais, na rotina etc.

Dentro da sala onde eu trabalhava, tinham os mesmos mobiliários de quando eu vivi a educação infantil, a quase trinta anos atrás. Aquela mesa que tropecei quando era criança e quebrei o dente, também estava lá.

Parecia que eu estava revivendo uma época da minha vida. Só que dessa vez eu era a pessoa responsável pelas crianças e não a criança. Revisitei alguns traumas. E tive medo de que as crianças tropeçassem na mesa e quebrassem o dente. Como aconteceu comigo.

A rotina, também era um pouco confusa. A escola funcionava em período integral, porém quem decidia se elas teriam algum descanso ou não dentro da rotina da escola, eram os pais. É evidente que crianças pequenas precisam de momentos de sono, cada uma dentro de sua necessidade. Dormir, além de ser um período de descanso mental e físico é também um estado de funcionamento do cérebro em que ocorrem complexos processos fisiológicos e comportamentais, principalmente na primeira infância (GEIB, 2002).

Porém, quase todas, não dormiam. Os pais tinham o equívoco de que se a criança ficasse acordada a manhã e tarde toda, ela chegaria em casa e dormiria mais cedo. Sabemos que não é assim. O sono das crianças precisa ser respeitado.

A falta de descanso fazia com que elas ficassem irritadas, e chorassem muito. Isso me

magoava profundamente. Porque, mais uma vez, as necessidades das crianças não estavam sendo vistas ali. Parecia que a escola era pensada somente para as necessidades dos pais.

Esses são só alguns exemplos. Infelizmente, também é a realidade de muitas outras escolas por aí. E a pergunta que ficou gravada na minha cabeça, desde quando cheguei lá é: como, um lugar feito para recebê-las e acolhê-las, não é pensado para elas e em seu desenvolvimento de forma saudável? E como, em nossas ações cotidianas, servimos para construir o modelo de escola que está aí? Foi difícil encontrar uma resposta.

Apreendi, durante a faculdade, que temos documentos que regulamentam os direitos das crianças, um deles, é o ECA, sancionado em 13 de julho de 1990, no qual, devemos nos debruçar. Porém, acredito que não haja nenhum tipo de fiscalização contínua nesse sentido.

Ser professor de Educação Infantil implica um gesto de grande responsabilidade, que requer, além do domínio pedagógico, metodológico e cultural, uma abertura e disponibilidade para se relacionar com as crianças (Catarsi, 2013).

Aprende-se na teoria durante a graduação, mas principalmente na prática que o encontro com as infâncias tem que ser de respeito e não de domínio.

Apesar de identificar divergências dentro daquele espaço, eu senti que poderia contribuir de alguma forma. Não pensava em transformar toda a escola, na verdade isso nem seria possível, mas senti que eu teria abertura, pelo menos, para dialogar sobre as crianças que eu acompanhava.

Aos poucos, fui ganhando confiança, e através de muita conversa e troca de experiências com a coordenação, foi possível reorganizar a rotina e algumas propostas de atividades, junto com a professora da sala e com o apoio dos pais, para que as vivências delas, tivessem mais sentido ali.

Sobre isso, (Fochi, 2013) ressalta que:

[...]acolher o universo da criança trata-se de uma postura ética frente aos processos de subjetivações dos meninos e meninas que recém chegam ao mundo. É uma abertura do adulto que sabe do valor da esperança de esperar, cada criança em suas aventuras e desventuras do aprender e, por isso, também compreender seu papel em organizar um contexto que favoreça o acesso ao patrimônio sócio-histórico. Acolher não é uma atitude passiva frente às crianças, mas de alteridade e abertura ao outro (Fochi, 2013).

Essa situação em específico, foi me trazendo de novo àquela esperança de professora iniciante. Veja, não é possível mover montanhas sozinha, mas talvez seja possível mover algumas lacunas, com muita paciência.

No ano seguinte, continuei com a turma, e a professora precisou se ausentar. A

coordenação da escola, percebeu que eu daria conta do recado. Nesse momento, eu me tornei a referência da sala. A minha responsabilidade aumentou. E eu tive a experiência de ter uma sala só para mim.

Durante anos, eu sonhei com esse dia. Eu me sentia pronta para encarar os novos desafios. Mas, mesmo me sentindo pronta, eu não tinha o diploma de Pedagoga. Essa situação fez com que eu não pudesse ser registrada. Então, minha responsabilidade aumentaria, minha carga de trabalho também, porém meu salário de estagiária continuaria o mesmo.

A escola, estava se aproveitando dessa situação. Me senti desvalorizada. Então após três anos trabalhando lá, decidi que era o momento de buscar novas experiências.

Durante os quatro anos que me dediquei ao estágio não obrigatório, me entreguei e me dediquei para aprender na prática o que é vivenciar o universo escolar.

Todas as experiências que tive, tanto as boas quanto as ruins, foram essenciais, pois moldaram meu modo de enxergar o exercício de me tornar professora e acabaram me ensinando o que cabe ou não na construção de minha própria prática. Eu relaciono essas oportunidades como um enorme campo de novas experiências.

Às vezes me frustrava o cotidiano da escola por estar tão distante do que eu estudava através das teorias na faculdade. Mas esse foi um ponto importante para minha formação, pois em nenhum momento a profissão foi romantizada.

Eu sempre vivi o dia a dia da sala de aula e aprendi muito. Foi dessa forma que comecei a me sentir pronta para me tornar professora. Ou talvez eu já fosse professora.

### 5.3 PIBID: CONTRIBUIÇÕES PARA DOCÊNCIA

*“Ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra. O professor assim, não morre jamais” (Rubem Alves, 2000).*

Dentro da minha concepção como aluna do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de São Carlos, acredito que o modelo de formação docente nos distancia um pouco das realidades escolares.

Sobre isso, Canário (1998, p. 16), assinala que “[...] esta maneira descontextualizada de conceber a formação profissional é a principal responsável pela sua ‘ineficácia’, decorrente da ausência de um sentido estratégico para a formação”. Não é novidade que muitos alunos dos cursos de licenciaturas, acabam desistindo de permanecerem na profissão docente após sua

formação. Eu acredito que um dos motivos, seja o distanciamento das vivências práticas, que fazem esse aluno criar expectativas irreais sobre o cotidiano de um professor.

Ao pensarmos sobre o papel das universidades de educação na formação de professores, Tardif (2002a, p. 270) questiona o modelo universitário de formação profissional, observando que os cursos são geralmente idealizados segundo um modelo aplicacionista. Em suma, os estudantes aprendem a teoria, e depois realizam os estágios obrigatórios a fim de aplicar essas teorias aprendidas em sala. O que acontece, é que o conhecimento teórico se distancia muito da realidade.

Para Severino (2002, p. 46), “a teoria, separada da prática, seria puramente contemplativa e, como tal, ineficaz sobre o real; a prática, desprovida da significação teórica, seria pura operação mecânica, atividade cega”.

Essa situação, colocou em evidência a responsabilização do poder público afrente da situação de baixo desempenho de escolas e professores. Somente a partir dos anos 2000 que se consolidaram algumas iniciativas frente a essa questão. Foi o Decreto nº 6755/2009 que instituiu a Política Nacional de Formação de Profissionais do Magistério da Educação Básica. No artigo 10, definiu-se que:

[...] a CAPES incentivará a formação de profissionais do magistério para atuar na educação básica, mediante fomento a programas de iniciação à docência e concessão de bolsas a estudantes matriculados em cursos de licenciatura de graduação plena nas instituições de educação superior (Brasil, 2009).

Nessas circunstâncias, apresentado como um programa de incentivo e valorização da formação inicial de futuros docentes, instaurou-se o Programa de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID).

No ano de 2024, a UFSCar foi contemplada com 34 novos Núcleos de Iniciação à Docência (NID) e 955 bolsas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), com vigência entre 2024 e 2026.

Desde 2009, por meio do PIBID, a UFSCar estabelece parceria colaborativa com escolas de Educação Básica, onde exerce, um trabalho de corresponsabilidade entre a Universidade e as redes de ensino, para a formação de novos professores.

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) oferece aos estudantes de graduação uma oportunidade única de estar inserido em uma escola de ensino público, durante uma extensão de tempo significativa, onde se torna possível que sejam

pensados e elaborados projetos de intervenção semanais, visando o aprimoramento e contribuição que contemple interesses mútuos de aprendizagem entre o professor, alunos e pibidianas.

Eu iniciei no programa, no edital do ano de 2022, onde o objetivo geral do subprojeto tinha a intenção de propiciar experiências significativas de alfabetização e letramento aos alunos, bem como possibilitar a formação de futuras professoras, bolsistas do programa, para o desenvolvimento de práticas de ensino da leitura e da escrita, entre outras competências. O tema norteador do subprojeto no ano de 2022 foi a diversidade.

A Coordenadora de Área do subprojeto foi a Professora Dra. Maria Iolanda Monteiro, que esteve presente me acompanhando em todos os momentos, desde a inserção nas escolas parceiras, reuniões semanais, planejamento de aulas e até a escrita dos relatórios.

Eu já tinha tido contato com a Professora Maria Iolanda Monteiro em duas outras oportunidades. Uma oportunidade de estágio obrigatório e durante a matéria de Alfabetização e Letramento que faz parte da grade do curso de Pedagogia. Ela se tornou uma grande inspiração e, referência para minha vida profissional. Aprendi muito em suas aulas e principalmente nas suas orientações como Coordenadora no PIBID. Ter ela ao meu lado me dando suporte, foi indispensável para que eu me sentisse segura durante todo projeto.

Meu início na sala de aula foi muito tranquilo. Inclusive, melhor que imaginei.

Eu iniciei o projeto em uma sala de primeiro ano do ensino fundamental. A sala era composta por onze meninas e onze meninos, dos quais as fases de escrita eram, respectivamente: onze crianças pré-silábicas, cinco silábicas com valor, três silábicas alfabéticas e somente duas alfabéticas. (nenhuma se encontrava na fase silábica sem valor). Trabalhei, juntamente com a professora da sala, atividades que auxiliassem os alunos na alfabetização, e, realizamos um movimento de incentivo à leitura.

Durante as inserções, pensando no objetivo maior que é a alfabetização, priorizamos as rodas de leitura compartilhada, fazendo com que esse momento fosse de prazer e divertimento, trazendo leveza ao ambiente sala, permitindo que as crianças explorassem o livro e, depois, pudessem falar sobre ele (as que se sentissem à vontade para o fazer).

Ao longo do projeto, criei um vínculo muito especial com os alunos. O que facilitou o interesse deles pelas atividades propostas e principalmente pelas rodas de leitura compartilhada.

Era muito alegre chegar e ser bem recebida, festejada. Essa sensação tomava conta de mim. E a cada dia que passava ficava mais fácil de me imaginar no futuro sendo professora.

A partir de alguns meses de trabalho, pude entender o que a sala gostava no coletivo, e,

das individualidades de cada criança. Isso foi muito importante, porque eu conseguia pensar em atividades que os motivasse, porque eu já os conhecia.

Sobre as aprendizagens a partir das motivações, Josso (2004, p. 81) destaca que:

O trabalho sobre processos de aprendizagem, em articulação com o processo de formação, permite colocar mais especificamente em evidência as relações entre os processos de aprendizagem e a dimensão motivacional, apontando assim o contexto afetivo e significativo do seu desenvolvimento em torno da dialética interioridade/exterioridade (Josso, 2004, p.81).

Percebi que com o passar dos meses, escutar sobre o interesse das crianças e trazer leituras relacionadas a temas de interesse delas, fazia com que elas falassem mais, perguntassem mais e ficassem cada vez mais atentas e despertas na hora da leitura. Esse despertar das crianças para leitura, fez com que elas progredissem sua relação com a alfabetização.

A constância que eu tinha em sala de aula fazia todo sentido para criação desses vínculos, e conseqüentemente para maior interesse e participação de todos.

Um determinado dia, me marcou muito. Eu precisei faltar, pois havia ficado doente. Na outra semana que fui até a escola, as crianças me abraçaram e disseram que tinham sentido muito minha falta e que gostavam muito das minhas aulas. Foi tão gostoso ver a sinceridade nas falas e no olhar de cada criança. Nunca me esquecerei desses momentos.

Com o passar do tempo, foi possível ter a percepção de que o PIBID vai muito além de um estágio curricular, pois apesar das muitas horas a mais de dedicação ao projeto (um ano e meio de inserções), ele nos possibilita a oportunidade de entendermos e estarmos inseridos na complexidade, mas também, na riqueza que é o universo escolar e toda a singularidade que o compõe.

Além disso, Tancredi (2009), destaca que projetos de formação docente, como é o caso do PIBID, permitem ao aluno em formação compartilhar suas experiências e vivenciar como o professor regente transcorre sua aula, permitindo que haja troca entre os pares e a formação seja mais eficiente e transformadora, afinal observar e analisar como um profissional mais experiente conduz as aulas, possibilita ao aluno evitar futuros equívocos e encontrar melhor os caminhos do ensino-aprendizagem.

Também, nos traz a dimensão do que é fazer parte de um grupo de estudos, que compartilha as ideias, os projetos, as vivências e as dimensões da docência.

Acredito que o PIBID tenha sido, durante a graduação, o lugar que mais tenha me aproximado do exercício da docência, pois, o exercício de desenvolver uma “autoformação” me deu condições para que eu me apropriasse da profissão docente em diferentes níveis.

O tema do subprojeto, como disse anteriormente, foi diversidade. E dentro desse tema foi possível trabalhar diferentes assuntos com as crianças.

Antes de escrever cada planejamento, eu refletia sobre os interesses das crianças e o que faria sentido levar até elas. Eu deixava as crianças participarem da aula através de perguntas, questionamentos, falas, dando espaço para que elas se sentissem pertencentes daquele momento. Nem sempre as aulas saíam como planejado. Na maioria das vezes saía melhor que o esperado, pois elas se envolviam bastante.

Vez ou outra, algo dava errado. E quando isso acontecia, era preciso contar com a arte do improviso.

Sobre a questão do improviso, Nunes (2004) defende, que a prática da docência se fundamenta no conceito do “saber da experiência”, que é formado por três eixos: o improviso na sala de aula, a rotina do professor como experiência adquirida e a experiência ganha, que se converte em segurança.

A improvisação, segundo essa autora, “pode ser considerada como um saber resultante da experiência adquirida” (Nunes, 2004, p.112).

Essa questão, era um dos medos que eu tinha, acerca do exercício da docência. Eu acreditava que improvisar era ruim.

Porém, com o passar do tempo fazendo parte do cotidiano da escola e observando os professores, percebi que é um exercício natural da nossa profissão, e isso não quer dizer que seja falta de preparo, pelo contrário, improvisar em alguns momentos é uma ferramenta que pode ser usada a favor do ensino e que tem espaço como parte da rotina disciplinada dos docentes, servindo também como alternativa pedagógica que evidencia flexibilidade e segurança do professor em sala de aula.

Me dediquei ao PIBID durante um ano e meio, que foi o tempo máximo exigido pelo edital.

Foi possível, durante esse tempo, a inserção de quatro projetos com as crianças, com os seguintes temas: 1. As regiões do Brasil 2. As crianças do Brasil 3. Brincar é viver 4. As sete artes.

Todos os projetos foram pensados e planejados a partir da escuta sobre as demandas da docente da sala e interesse das crianças, juntamente com leituras compartilhadas, exercícios de alfabetização, letramento e vivências diversas.

A partir dessa experiência, no segundo semestre de 2024, prestei novamente o processo seletivo para inserção no PIBID, porém dessa vez para realizar o projeto no Ensino de Jovens

e Adultos (EJA). No início de 2025, após meu aceite, comecei a exercer o projeto em uma escola estadual, juntamente com meu estágio na creche da USP, fazendo com minha formação torne-se mais ampla e concisa dentro da docência.

O Programa de Bolsas de Iniciação à Docência, trouxe para nós, alunos de graduação, a oportunidade de estarmos inseridos não só dentro de uma sala de aula, mas também, de toda a dinâmica escolar de uma forma real e natural, do começo, até o final do ano, participando de jornadas pedagógicas, conselhos, movimentos, atividades, entre outras situações vivenciadas dentro um espaço escolar. Essa oportunidade se configurou como um amplo espaço formativo, o que possibilitou muitas reflexões, ajudando no processo de identidade docente, levando em consideração muitos contextos reais onde o exercício de se tornar professor é aprendido.

## 6. PERCEPÇÕES: A CRECHE USP

Vivenciar o dia a dia na Creche USP, despertou em mim, uma enorme vontade de escrever. Talvez, esse capítulo, além de narrar um pouco da rotina da creche, minhas experiências e olhares acerca desse espaço, também seja uma forma de agradecer o quanto vivenciar esse ambiente tem me ensinado sobre educação, cuidado e amor.

Em julho do ano de 2024, no meu décimo e último semestre da faculdade, tive a oportunidade de iniciar um estágio não obrigatório na Creche USP.

Ao chegar na Creche, meu olhar, de forma instantânea, se voltou para as paredes. As paredes, eram, quase todas, decoradas com desenhos, imagens, rabiscos, escritos, todos, feitos pelas crianças.

As paredes, de alguma forma, se comunicavam. E dava para entender. Eu senti que se tivessem voz, fariam: “aqui tem crianças felizes e brincantes”.

Observei, depois, o espaço. Ele era aberto, com muita grama (não a sintética, a grama viva) e ao olhar para cima, meu olhar se perdeu entre as copas das árvores. Parece que elas quase conseguiam tocar o céu, se quisessem.

Dava até a impressão de que a Creche fora construída de uma maneira que não interferisse no contorno da natureza à sua volta. Ela existia e participava dela, como se fossem uma coisa só.

Andando pelo parque da frente, ouvia-se risada e conversa de crianças juntas, mas também, era possível escutar o canto dos passarinhos. Acho que me avisavam que ali era um lugar cheio de vida.

Continuei. Atravessei o parque. Cada canto fazia um convite para descobertas. Tinha uma casinha, que parecia casa de João de barro. Mas nela, cabia criança. E adulto. Era só dar uma curvadinha na coluna e entrar. Fiquei imaginando. Quantos faz de contas já aconteceram ali? O espaço convidava a explorar.

Depois, voltei para o corredor principal, fui andando para frente, enquanto a manhã acontecia. Cada sala do corredor, parecia ter sua própria identidade, jeito. Nenhuma era igual à outra. E muita coisa acontecia dentro delas. Professoras cantando enquanto faziam uma grande roda com as crianças, na outra, uma conversa delicada com tom de acolhimento, na outra, todos sentados ao chão no tapete da sala, tentando montar um grande quebra cabeça, e por aí vai.

Entrei em um salão, bem grande. Vi um violão, casa de boneca, mesas e cadeiras pequenas, um armário com muitos brinquedos. A sensação de passar por ali, foi como se eu

pudesse voltar para um lugar seguro da infância.

Nesse primeiro contato com o espaço, ficou muito claro para mim, que ali tudo era pensado com, e, para as crianças.

Passando pelo refeitório, uma porta enorme se abriu, e para minha surpresa, uma mangueira bem grande enfeitava o parque de areia.

Eu juro que não consigo descrever o espaço da Creche de forma literal. A poesia toma conta das minhas lembranças e insiste em aparecer nessa narrativa. Tudo lá é muito bonito.

Eu pude conhecer, nesse mesmo dia, as crianças e as professoras do Grupo 2, que me acolheram com muito carinho.

Me ensinaram, com paciência, um pouco mais sobre sua rotina. Os olhares curiosos das crianças da sala apontavam na minha direção.

E o que fazer, para me aproximar das crianças? Depois de alguns anos na educação infantil, eu aprendi que brincar com eles, era uma boa forma de conhecê-los.

Em uma passagem do livro “O médico e o Psicanalista”, o autor Cláudio Thebas, diz que: “Primeiro a gente brinca, depois a gente vira amigo”. E foi isso. Brincamos muito e viramos amigos.

O tempo foi passando, e eu, ia me encantando cada dia mais com a riqueza dos detalhes que permeavam esse lugar. Depois de sete meses vivenciando o dia a dia da Creche, ainda me encanto.

Durante esse tempo, tive a oportunidade de aprender muito. Com as crianças, com as professoras, com a coordenação e direção, com a enfermeira, com os cozinheiros, com a equipe da limpeza, com o jardineiro e, com as colegas de estágio.

Esse ano, a Creche, completa 40 anos de existência, e é muito gratificante, ter participado de um pedacinho dessa história.

Espero que ela viva por muitos anos, sendo um exemplo de espaço onde as crianças são acolhidas, amadas e respeitadas.

## 7. OS FIOS QUE ME TECEM: PERSPECTIVAS FUTURAS

*“Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes” (Emicida, AmarElo, 2019).*

Se teve uma coisa que eu aprendi escrevendo esse memorial foi reconhecer que é preciso abraçar o que somos, enquanto buscamos o que queremos ser.

Ao revisitar meu passado, tive a oportunidade de acolher e abraçar todas as escolhas que fiz, utilizando a minha própria narrativa como uma oportunidade de autorreflexão.

Ao acessar lembranças da infância e adolescência, pude mergulhar em mim. Esse mergulho me permitiu enxergar minha história com mais sensibilidade. E, pude me perdoar. Me perdoar por não ser a melhor mãe do mundo, nem ter sido a melhor aluna da sala, talvez não ser a professora que o mundo espera, e me perdoar, inclusive, por não ser perfeita.

Minha trajetória, desde o começo da adolescência foi marcada por muitos desafios e transformações, que foram extremamente importantes para que eu fosse me constituindo e me moldando.

O importante é sempre lembrar que nunca estarei pronta, mas em processo. A vida é fluída.

Com isso em mente, noto que toda minha trajetória de vida influencia e influenciou na forma como vejo a educação, seja pelas especificadas da Educação Infantil da minha infância, onde o ensino tradicional era preservado, porém o despreparo das creches e profissionais daquele período hoje é muito notável quando analiso a forma como esses docentes trabalhavam. Além disso, fatores como a vivência de novas experiências durante minha graduação e no PIBID auxiliaram fortemente a maneira como vejo a complexidade da docência, seja no momento da troca de pares, na observação de profissionais mais experientes ou pela forma como meus cursos de formação se deram, assim fica evidente que minha experiência de vida e profissional foram moldadas por esses fatores, me trazendo reflexões acerca da influência de cada parte na minha formação.

Ainda, nesse memorial pude refletir sobre a minha paixão pela Biologia durante a escola e o quanto os professores que passaram pela minha vida, me influenciaram e continuam influenciando minhas escolhas. Também, foi importante reconhecer o momento em que me encorajei, mesmo após a maternidade, cursar uma segunda faculdade para realizar um sonho de infância. E cá estou.

Me encontro, nesse momento da vida, terminando a faculdade, trabalhando na Creche

USP e fazendo parte do PIBID com alunos de uma sala de EJA. Um dia, eu sonhei com tudo isso. E hoje, mais do que nunca, celebro minhas pequenas vitórias.

Além das atividades discentes e profissionais, eu treino e jogo Rugby há três anos, em um time feminino aqui de São Carlos. O esporte e as amigas que fiz no time, me ajudaram a não me sentir sozinha em uma cidade onde não conhecia ninguém e trouxeram muitas alegrias e leveza para meus dias.

Também, foi na cidade de São Carlos, que conheci meu namorado e sua família, que hoje são a minha maior rede de apoio.

Para o futuro, pretendo iniciar um mestrado na UFSCar, ao mesmo tempo, continuar trabalhando e me dedicando a carreira docente. Também, me lembrar de nunca desistir dos meus sonhos.

**Figura 10** - Francisco



**Fonte:** Arquivo pessoal, 2018.

## 8 REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, K. A. Pesquisa com crianças em contextos pré-escolares: reflexões metodológicas. In: **31ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED**. Anais...Caxambu: Anped, 2008. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/31ra/1trabalho/GT07-4062--Int.pdf>. Acesso em: 01 fev. 2025
- ALVES, Rubem. **A alegria de ensinar**. 6.ed. Campinas: Papirus, 2000. 93 p.
- ARANTES, V. A. **Afetividade no cenário da educação**. Psicologia, educação e as temáticas da vida contemporânea. São Paulo: Moderna, 2002.
- BAUER, M.; JOVCHELOVITCH, S. Entrevista Narrativa. In: BAUER, M.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BEZERRA, P. Dialogismo e polifonia em Esaú e Jacó In: FARACO, C. A.; TEZZA, C.; CASTRO, G. de. (Orgs.). Vinte ensaios sobre Mikhail Bakhtin. Petrópolis: Ed. Vozes, 38-53.
- BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Rev. Bras. Educ.** [online]. 2002, n.19, pp.20-28.
- BORBA, A. M. As culturas da infância nos espaços-tempos do brincar: estratégias de participação e construção da ordem social em um grupo de crianças de 4-6 anos. In: **29ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED**. Anais...Caxambu: Anped, 2006.
- BRASIL. **Decreto nº 6.755, de 29 de janeiro de 2009**. Institui a política Nacional de Formação de Profissionais do Magistério da Educação básica, disciplina a atuação da coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES no fomento a programas de formação inicial e continuada, e dá outras providências. Diário oficial da União. Brasília: Casa Civil da Presidência da República, 2009.
- CANÁRIO, Rui. Escola: o lugar onde os professores aprendem. **Psicologia da Educação**, v. 6, p. 9-27, 1998
- CARVALHO, Marlene. **Guia Prático do Alfabetizador**. São Paulo: Ática, 2007.
- CATARSI, Enzo. **As competências relacionais do professor na escola do acolhimento**. In: STACCIOLI, Gianfranco. Diário do acolhimento na escola da infância. Campinas: Autores Associados, 2013, p. 7-12.
- CUNHA, M. I. Conta-me agora!: as narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. **Revista da Faculdade de Educação**, v. 23, p. 185-195, 1997.
- DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto**. Natal: Edufrn; São Paulo: Paulus, 2008.
- DOWBOR, Fátima Freire. **Quem educa marca o corpo do outro**. Editora Cortez, 2008.

FERNANDES, M. H. **A mulher-elástico**. 2005, p.4. Disponível em: [http://www.estadosgerais.org/encontro/IV/PT/trabalhos/Maria\\_Helena\\_Fernandes.pdf](http://www.estadosgerais.org/encontro/IV/PT/trabalhos/Maria_Helena_Fernandes.pdf). Acesso em: 18 jan. 2025.

FOCHI, P. S. A relação entre adultos e crianças na educação infantil: reflexões emergentes no observatório da cultura infantil – OBECI. **Educação Unisinos**, v. 24, n. 1, 2020.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, M. Concepção Dialética da Educação e educação Brasileira Contemporânea. In: Educação e Sociedade. **CEDES**, n. 8. São Paulo: Cortez, 1981.

GIROUX, H. A.; MCLAREN, P.; SILVA, T. T. Linguagem, escola e subjetividade: elementos para um discurso pedagógico crítico. **Educação & realidade**. v. 18, n. 2 (jul./dez. 1993), p. 21-35, 1993.

JOSSO, M. C. **Experiências de vida e formação**. Trad. José Claudino e Júlia Ferreira. São Paulo: Cortez, 2004.

KENSKI, V. M. **Memória e Prática Docente**. In: BRANDÃO, C. R. (org.). As Faces da Memória. Campinas: Centro de Memória-Unicamp, 1996.

KUHLMANN, Moysés Jr. Histórias da educação infantil brasileira. **Revista Brasileira de Educação**, n. 14, p. 5–18, 2000.

LEITE, S. A. S. **Dimensões afetivas na relação professor-aluno**. In: TASSONI, E.C. M. A afetividade em sala de aula: as condições de ensino e a mediação do professor. São Paulo: Casa do psicólogo, 2006.

MALAGUZZI, L. História, ideias e filosofia básica. In: EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. **As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emília na educação da primeira infância**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999. p. 59-104.

MICHAELIS. **Dicionário de Português Online**. 2019. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/>. Acesso em: 20 de jan. de 2025.

MIZUKAMI, Maria da Graça N.; REALI, A. M. M. R. (Org.). **Formação de Professores, práticas pedagógicas e escola**. São Carlos: EdUFSCar.

MIZUKAMI, Maria da Graça N. Aprendizagem da docência: Algumas contribuições de L. S. Schulman. **Educação**, Santa Maria, v.29, n.2, p. 33-39 jul./dez. 2024.

NUNES, C. M. F. **O saber da experiência de professores de séries iniciais**: condições de produção e formas de manifestação. Tese (Doutorado em Educação Brasileira). Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2004.

OLIVEIRA, Jorge Leite de. **Texto acadêmico**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2005.

OLIVEIRA, Marielle Cardoso Fonseca de. **De Aluna a Professora: Memorial Acadêmico Autobiográfico**. Memorial Acadêmico (Trabalho de Conclusão de Curso Licenciatura em Pedagogia) – Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos, CECH/UFSCar, São Carlos-SP. 2022.

OLIVEIRA, Rosa Maria Moraes Anunciato. Narrativas: contribuições para a formação de professores, para as práticas pedagógicas e para a pesquisa em educação. **Revista Educação Pública**, Cuiabá, v. 20, n. 43, p. 289-305, 2011. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/>

OLIVEIRA, Rosa Maria Moraes Anunciato de; GAMA, Renata. P. Desenvolvimento profissional docente e narrativas em diferentes momentos da formação e atuação. **Revista da FAEEBA - Educação e Contemporaneidade**, v. 23, n. 41, 2014. Disponível em: <<http://educa.fcc.org.br/pdf/faeeba/v23n41/v23n41a18.pdf>>. Acesso em: 28 jan. 2025.

PASSEGGI, Maria da Conceição. **Memoriais: injunção institucional e sedução autobiográfica**. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu C. de (Org.). [Auto]biografia: formação, territórios e saberes. Natal: EDUFERN; São Paulo: PAULUS, 2008. (Coleção Pesquisa (Auto)Biográfica e Educação)

PÉREZ, Carmen Lúcia Vidal. **O lugar da memória e a memória do lugar na formação de professores: a reinvenção da escola como uma comunidade investigativa**. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 26. Caxambu, 2003. Anais... Caxambu: ANPED, 2003.

PEREIRA, Amarildo G. **A relação do coordenador pedagógico e o trabalho coletivo com os professores e diretores: desafios e possibilidades**, 2013. 123 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2013.

PEREIRA, Marina Eduarda dos Santos. **Como Me Tornei Professora? Uma Narrativa Baseada Em Vivências Educacionais**. 2023. 56f. Memorial Acadêmico (Trabalho de Conclusão de Curso Licenciatura em Pedagogia) – Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos, CECH/UFSCar, São Carlos-SP. 2023.

PRADO, Guilherme V. T. **Memorial de formação: quando as memórias narram a história da formação**. In: PRADO, G. V. T.; SOLIGO, R. Porque escrever é fazer história. Campinas: FE, 2005. Disponível em: [link]. Acesso em: 28 jan. 2025.

REALI, Aline M. de M. R.; TANCREDI, Regina M. S. P.; MIZUKAMI, Maria da Graça N. Desenvolvimento profissional de professores iniciantes em um programa de mentoria online: experiências de ensino e aprendizagem (EEA) como ferramentas investigativas e formativas. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, 2014.

SEVERINO, Antonio J. **Educação, sujeito e história**. São Paulo: Olho d'Água, 2002.  
SOARES, Magda Becker, (2003). Alfabetização: a ressignificação do conceito. Alfabetização e Cidadania, nº 16, p. 9-17 jul.

SOARES, Magda Becker, (2003). **Alfabetização: a ressignificação do conceito**. Alfabetização e Cidadania, nº 16, p. 9-17 jul.

TANCREDI, Regina **Aprendizagem da docência e profissionalização**: elementos de uma reflexão. São Carlos: EdUFSCar, 2009. p. 11-31.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002a. p. 9-325.

THEBAS, Cláudio. DUNKER, Christian. **O palhaço e o psicanalista: Como escutar os outros pode transformar vidas?** Planeta Editora, 2019.

VIEIRA, Ailane C. **Vivências da maternidade na graduação**: uma revisão sistemática. 2018. 27 f. Trabalho de Curso (Graduação) – Faculdade de Educação, Curso de Pedagogia, Campus Universitário de Altamira, Universidade Federal do Pará, Altamira, 2018. Disponível em: <<http://bdm.ufpa.br/jspui/handle/prefix/1080>>. Acesso em: 20 jan. 2025.